

AÍDEIA NACIONAL

REVISTA MONARCHICA SEMANAL ILLUSTRADA ·
POLITICA · ARTE · LITTERATURA · MODAS ·
ELEGANCIAS · SPORT · ESCRITORIOS · RUA DA
EMENDA, 45 · LISBOA · · · · ·

JOSÉ PACHECO
REDACTOR ARTISTICO

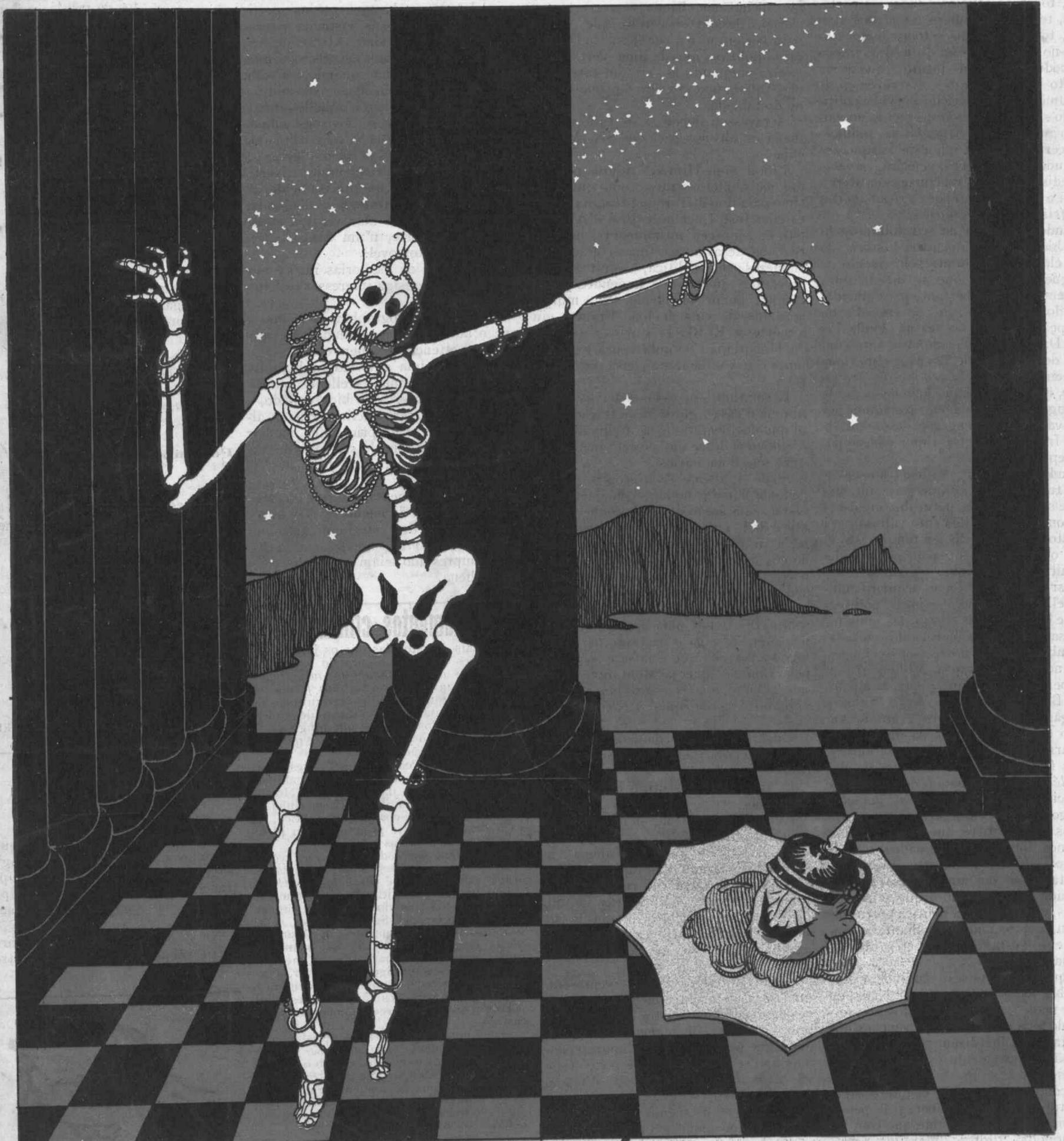
HOMEM CHRISTO FILHO

DIRECTOR
DOMINGOS CARVALHO MEGRE

GERENTE
JOÃO DO AMARAL
REDACTOR EM CHEFE

PROPRIEDADE DE HOMEM CHRISTO FILHO E DOMINGOS MEGRE · EDITOR · ANTONIO COSTA · COMPOSTO E IMPRESSO · GRUPO LINOTYPISTA · RUA DO POÇO DOS NEGROS, 81 · · · · ·

VICTOR FALCÃO
SECRETARIO GERAL



SALOMÉ



A SEMANA

POR

ALVARO PINHEIRO CHAGAS



S

ó agora acabei de lér o livro do sr. Julio de Vilhena, e, ao restituil-o ao amigo que m'o emprestou, poderia dizer-lhe como Saint-Pavin, o abbade corcunda :

*Je te rends ton livre, Mélite,
Quoique fort long, je l'ai tout lu ;
Si tu veux que nous soyons quitte,
Rends-moi le temps que j'ai perdu.*

Sim... Li-o todo, da primeira á ultima pagina.

Com uma paciencia de beneditino percorri linha a linha, palavra a palavra, todos os officios e todas as portarias, todos os discursos e todos os artigos, todas as cartas e todos os *sueños* que no seu livro o sr. Julio de Vilhena reproduziu não ao intuito, que seria muito louvavel, de nos descrever ou de documentar um periodo da vida politica do seu paiz, mas unicamente no vaidoso proposito de recordar ao publico, tão certo estava de que este o esquecerá já, tudo quanto fizera, pensára, escrevera e disséra até á proclamação da Republica e desde 1874, época da sua *apertada, feliz meninice politica*.

Tudo elle conta no seu volumoso livro, desde a banalissima historia da sua eleição a deputado pelo circulo de Felgueiras, facto que se lhe affigura extremamente importante para elucidação dos vindouros, até ao episodio da recepção fria que lhe fez na Ajuda El-Rei D. Luiz, que momentos antes ouvira do marquez de Alvim, sobre o sr. Vilhena, a phrase *lá vem o ministro ladrão*, qualificativo que logo em seguida a augusta personagem averiguou ser motivada pela sonegação dos votos de uma freguezia inteira n'uma eleição para deputado.

Tudo conta o sr. Vilhena no seu livro, tudo... menos o que seria interessante saber-se e que naturalmente deveria constituir um elemento valioso para a historia politica do seu tempo, isto é, tudo o que a sua situação politica lhe permittira acompanhar de perto.

O sr. Julio de Vilhena, espirito culto e intelligencia viva, existiu politicamente durante duas *étapes* das mais interessantes da vida politica do seu paiz.

Embora mais novo, sensivelmente mais novo que elles, o sr. Vilhena tratou de perto com Fontes, com Sampaio, com Braamcamp, Lopo Vaz, Pinheiro Chagas, Thomaz Ribeiro, Antonio Augusto de Aguiar, Barbosa du Bocage, Navarro, Marianno, e tantos outros, cujas figuras de politicos, quasi todas *doublées* de litteratos ou de homens de sciencia, constituem para as gerações de agora typos caracterisadamente diversos dos politicos que se lhes seguiram nos dois ultimos reinados, usando de processos absolutamente differentes, orientando-se por uma moral politica em nada parecida com a que se seguiu depois, e dando á vida politica portugueza um aspecto nada semelhante ao que ella teve n'estas duas ou tres ultimas dezenas de annos.

O que nos conta o sr. Julio de Vilhena sobre todas essas figuras? Nada, ou quasi nada... Que documentos nos fornece de toda essa época? Apenas os que directamente lhe dizem respeito, e que não são precisamente os mais interessantes.

E comtudo quanto seria interessante ás gerações de agora saber, pela penna de um homem intelligente que com todas aquellas figuras lidára de perto,

todos os casos curiosos definindo aquelles caracteres, todos os episodios flagrantemente esclarecendo aquellas individualidades, tudo enfim que pudesse desvendar agora muitos dos segredos, que de resto nada tinham de escandalosos, da vida politica de então.

Em vez d'isso gasta o sr. Vilhena paginas e paginas do seu livro a reproduzir portarias e discursos, narrando com a fastidiosa pormenorisação de uma noticia do *Seculo* sobre qualquer incendio violento ou qualquer desordem entre rufias, todos os pequeninos incidentes da sua apagada vida politica, em que apenas nos ultimos annos surge um clarão, desastroso clarão, que serviu para pôr em foco a sua desastrada figura de politico, que de uma certa aura gosára emquanto as circunstancias a não tinham puxado para o primeiro plano do tablado.

Atravessou depois o sr. Julio de Vilhena os ultimos periodos da Monarchia.

Lidou com Hintze, figura politica das mais interessantes, como que o ultimo paladino do throno; tratou de perto com José Luciano e José d'Alpoim, isto é, conheceu intimamente, na vida real, as desavenças finaes d'aquelles siamezes da politica, muito mais divertidas que as que Legendre phantasiou; andou envolvido em muitos episodios da vida de João Franco, viu a morte de El-Rei D. Carlos e a queda da Monarchia; a tanta cousa assistiu, tanta cousa viu e tanta cousa podia contar!

E comtudo em todo o seu livro nenhuma d'essa figuras ficou traçada, nenhum documento ficou archivado que d'ellas nos desse um aspecto inedito ou uma anecdota curiosa.

Só de si, apenas se si proprio falla, e de todos aquelles homens com quem conviveu, cuja acção de perto conheceu, só nos é dado entrever no livro, vagamente, a *silhouette* de um ou outro, quando elle entende chamal-os para virem á bocca de scena *débiter* alguns elogios á sua pessoa, ou quando os faz passar pelo panno de fundo para ter occasião de sobre elles expôr uma opinião que só não tem de vaga o bastante para que logo se perceba que é falsa e só ditada pela vaidade, que já Montaigne dizia ser *la mère nourrice des plus faulses opinions, et publiques et particulieres*.

Um livro n'estas condições nem dispersa interesse nem provoca sympathias.

E' interessante sempre um livro de memorias.

E' quasi sempre maçadora e irritante uma auto-biographia.

E o livro do sr. Julio de Vilhena é na realidade uma auto-biographia.

Um livro de memorias representa geralmente a narração e a critica de uma série de acontecimentos que assim nos são apresentados atravez o *prisma de um temperamento*, na expressão feliz de Sarcey.

Uma auto-biographia representa uma série de acontecimentos que atravez de uma lente o auctor faz incidir sobre si proprio, de maneira tal que se distingue perfeitamente o biographado, mas não se aprecia nem se pode observar nada de quanto em volta d'elle se deu e produziu.

N'um livro de memorias o auctor é como que um amavel companheiro que se presta a fazer connosco uma viagem

atravez uma região que teve occasião de conhecer bem, e que nos vae commentando e explicando a paisagem que se desenrola ante os nossos olhos, por forma tal que n'ella descobrimos aspectos que nos teriam talvez passado despercebidos e colhemos impressões que porventura nos teriam escapado.

N'uma auto-biographia, o auctor faz lembrar um d'aquelles companheiros de viagem, que entram n'uma estação intermedia para se apearem meia duzia de estações mais adiante, e que entretanto, para mostrar que conhece a região como as pontas dos dedos, se debruça a cada momento na portinhola, tapando-nos a vista da paisagem, e só nos deixando avistar, de raspão, a mancha de um arvoredo ou uma nesga da montanha, quando se volta para dentro a explicar-nos com muitos pormenores que, além n'aquelle pinhal, fez um *pié-nic* famoso nos seus tempos de rapaz, ou que na povoaçãozinha que se descobre acolá em plena serra, já passou uma temporada muito divertida, ou ainda que foi precisamente ali em baixo, no cruzamento d'aquellas duas estradas, que uma vez viu muito de perto a morte, n'um desastre tremendo de automovel.

N'um livro de memorias raro é que o auctor não consiga interessar os leitores.

N'uma auto-biographia rarissimo é que o auctor consiga prender um momento a attenção de quem o lê.

De resto, uma auto-biographia pressuppõe sempre uma excellente opinião do biographo acerca do biographado, e creio que não será facil encontrar alguém que de si proprio tenha melhor opinião do que tem do sr. Julio de Vilhena biographado, o sr. Julio de Vilhena biographo.

Por isso Villemessaint, creio eu, chamava aos livres de memorias *des livres pour lire avec des yeux*, e ás auto-biographias *des livres pour lire... à l'œil*...

Só emprestado leiam pois o livro do sr. Vilhena.

ANSELMO

Incentamentos criminosos

Ha mais de oito dias que os jornaes democraticos veem consagrando editoriaes successivos aos *germanophilos*, aos *traidores*, aos *maus portuguezes*, aos *falsos patriotas*, excitando os odios da multidão fanatisada, incitando-a á pratica de violencias e attentados pessoaes que ninguem sabe até que ponto poderão chegar e que consequencias poderão ter.

O sr. Arantes Pedroso, aquelle mesmo sr. Arantes Pedroso que foi chefe do gabinete do ultimo ministro da marinha da Monarchia e do primeiro ministro da marinha da Republica, actual senador democratico, leva a sua audacia até pronunciar em pleno Senado estas palavras odiosas:

«Se a policia não pôde ou não quer acabar com os boateiros, que incumba o povo de acabar com elles. É a coisa liquidada!»

Isto não se classifica. E' o incentivo declarado a todos as violencias, á desordem, ao attentado pessoal. Se ha *traidores*, se ha *boateiros*, se ha elementos de desordem n'esta hora em que é necessario manter a união nacional e tomar todas as medidas contra os nossos inimigos do exterior, o governo que proceda, a policia que cumpra o seu dever e nos diga os nomes d'esses maus portuguezes que merecem o mais energico castigo.

Mas é uma infamia sem nome estar excitando diariamente uma multidão inconsciente contra os monarchicos, sob o pretexto de que são *germanophilos*, o que não é verdade, no mesmo momento em que se prega a união sagrada e se reclama o concurso de todos os cidadãos para morrer em defeza da Patria.

Não estará d'accordo com isto o sr. dr. Antonio José d'Almeida?

COISAS DE NADA

POR

ANTONIO CARNEIRO

Processo infallivel

«—Espero que não tenham esquecido nada?
—Absolutamente nada, meu caro senhor; nem a minima coisa. A' porta encontrará vinte homens, bem lavados, a quem ha-de distribuir apertos de mão; e seis creancinhas, ao collo de suas mães, a quem ha-de acariciar e perguntar as edades. Sobretudo não esqueça as creanças, meu caro senhor. Estas coisas produzem sempre um optimo effeito.» (C. Dickens — Aventuras de N. Pickwick. Cap. XIII.)

O divertido litterato,
A quem tanto riso devo,
Da eleição d'um candidato,
Diz coisas, de que transcrevo
Esse pequenino extracto.

Transcrevo-o, pela razão
De ter pareenças flagrantes
Com um outro cidadão
Que ganhou uma eleição
Por processos semelhantes:

Impõe-se que concordemos
Que Dickens conhece o mundo;
É a força que confessemos
Que aquelle que nós sabemos,
Conhece o Dickens a fundo...

Por subscrição

Sete sabios vão tentar
Conseguir realizar
Qualquer coisa que se acerque,
Do esqueleto carcomido,
Do illustre fallecido
D. Affonso d'Albuquerque.

Pesam nas cans veneraveis
D'esses sabios respeitaveis,
Neves de tantos dezembros,
Que eu acho bem que se sommem
E, p'ra fazerem um homem,
Se reunam sete membros.

ANTONIO CARNEIRO

Salomé

O magnifico desenho a côres que publicamos na nossa primeira pagina é original de Paul Iribé, o celebre pintor francez a quem a guerra tem inspirado algumas das suas melhores composições.

No proximo numero publicaremos outro trabalho d'um grande mestre estrangeiro.



A' ORDEM D'EL-REI

II

POR

ALBERTO MONSARAZ

ESTÁ prompto a acompanharme? Pois então vamos lá. Largue o fragil salgueiro romantico, bordão habitual da sua phantasia e encoste-se, livre de receios, com segurança, ao classico pau ferrado da logica, que não deixa tropeçar. Você não gosta de raciocinios. O mais simples jogo de ideias, o menos emredado trabalho de deducção intellectual cança-o, aborrece-o, enche-lhe o espirito de tedio.

A falta de habito é o que faz. Pensando raras vezes, exgota-se-lhe rapidamente a paciencia de pensar. Prefere essa commoda beatitude politica, mixto de inconsciencia e desordem mental em que a sua geração floresceu e medrou. A lei do menor esforço ninguem pode revogal-a. E' tyrannica, é imperiosa. Agora mesmo estou a ouvi-lo d'aqui vociferando. «A logica foi uma criação ecclesiastica, desenvolveu-se n'a os jezuitas para terem mais facilidade em sujeitar o pensamento humano. Quem fala n'essa velharia?»

Sem querer entrar pelas origens e pela historia das sciencias philosophicas, dir-lhe-hei apenas que se não chama constringer o pensamento humano encaminhal-o, com ordem e methodo, na estrada larga da verdade. Os termos d'um silogismo, a formula nitida d'um dilema, o mecanismo de qualquer simples associação de ideias são muitas vezes para o nosso espirito como redeas que segurassem, em plena carreira desbocada, um fogoso cavallo de raça. Nem lhe quebram o impeto, nem lhe roubam as energias. Apenas os disciplinam e orientam de fórma a poderem aproveitá-los melhor. Nada mais. Não admitta o meu amigo que haja travões á expansão tumultuosa do sentimentalismo!

Acho natural. Sendo como é um bom e sincero liberalista, respirando ainda no ambiente enovado de chimeras onde se gerou a Revolução, essa rubra flôr do mal, com o busto em gesso de Rousseau no seu escriptorio defronte d'uma oleogravura de D. Pedro IV, havia de pensar por força d'essa maneira. Nem outras ideias poderiam florescer-lhe no vacuo do cerebro. Porquê? Porque o livre pensamento, nascido em 89 e o livre exame, antepassado legitimo d'aquelle e gerado na Reforma pelo genio individualista e anarquico dos germanos, são apenas, aos olhos de quem sabe ver, mascaras mais ou menos illusorias, d'um absoluto desregramento sentimental. Onde está um livre pensador, está sempre uma pessoa livre de pensar. Um padre evangelico é tanto melhor pastor e mais puro sacerdote quanto mais ignorante seja dos fundos alicerces da dogmatica chirstã. Parece que livre exame e livre pensamento deveriam significar espirito critico, faculdades de analyse, juntas a um forte poder de meditação e raciocinio. Nada d'isso. Formou-se apenas pelos seculos fóra, á sombra d'essas duas expressões, um creado novo, sectario e intolerante, primeiro com a sua biblia truncada, depois com o seu nullo contracto social, substituindo-se pouco a pouco os Mandamentos da Lei de Deus, unica base nominal da Reforma pela Declaração dos Direitos do Homem, fundamento effectivo e unico da Revolução. Não foi assim precisamente que lhe ensinaram em tempos no lyceu, não é verdade? Será, entretanto, d'esta maneira que hão-de aprender os seus ne-

tos, se por lá passarem amanhã. A Justiça do Tempo vaie arrancando a venda com que a haviam cegado as ideologias democraticas. Mas fechemos aqui este parenthese, que não foi para falar-lhe de philosophia historica que eu voltei hoje a caturrar historico.

Pretendo apenas que você, monarchico, e monarchico dos mais sinceros, se convença de que nunca a aragem fria do Norte, soprou como agora tão desfavoravel á republica e aos republicanos.

Vae ver. O meu amigo é com certeza leitor quotidiano d'*O Dia*, o nosso grande jornal politico da tarde, superiormente dirigido por quem, sendo ainda um adorador da Liberdade, não conserva todavia do espirito liberal aquelle ferrenho individualismo, egoista e dagraadante, que roça quasi pela indifferença e pela cobardia. Pois bem: tudo quanto vou dizer-lhe, tudo isso o diario monarchico já disse ha muito tempo e de todo lhe escapou. Talvez até nem chegasse a ler e, se leu, não soube interpretar nem concluir, o que para o caso é o mesmo e para as suas veleidades de critico não deixa de ser peor. Acostumou-se a devorar apenas os artigos de fundo, que é onde se cae a fundo no regimen e o resto, as pequenas noticias, por habito ou por descuido, passa-as em claro. Faz mal. Nas pequenas noticias encontram-se muitas vezes as grandes revelações. Bem digo eu que sobre o corpo dos liberaes, quando não assobia tres vezes um bico amarello de melro, está sempre uma cabeça de pardal. Já é preciso ser-se frivolo e não prestar attenção! Ora veja *O Dia* de 5 de Fevereiro, ao alto da sua terceira columna:

Suas Magestades El-Rei o Senhor D. Manuel e a Rainha Augusta Victoria, accedendo a um convite de Mr. Asquith, primeiro ministro britannico, jantaram em sua casa no dia 26 de janeiro.

Quando Mr. Asquith foi agradecer a Suas Magestades a distincção recebida, solicitou ainda de El-Rei que renovasse a honra de voltar a sua casa. Effectivamente El-Rei D. Manuel almoçou em casa de Mr. Asquith na quarta-feira ultima.

O *Seculo*, a 20 do mesmo mez, procurava desmentir este communicado, o que levou o orgão monarchico no dia immediato, a precisar com mais clareza as suas affirmações para que a má vontade e o manifesto terror dos democraticas governamentais não relegassem á cathogoria de simples propaganda á cathogoria de simples propagandista de boatos ou semeador profissional de phantasias.

O *Seculo* publicou, na sua edição da noite de ante-hontem, este telegramma:

LONDRES, 19. — Está completamente desmentido o boato de que o chefe do governo inglez offerecera um banquete a um ex-chefe de estado exilado na Inglaterra.

Embora se não mencione o nome do ex-chefe de Estado, o que é para extranhar, póde d'aqui inferir-se que se trata de El-Rei o Senhor D. Manuel. E como *O Dia*, em 5 do corrente, deu, por informação da mais fidedigna origem, directamente enviada de Londres a este jornal, a noticia que pretende desmentir-se, repetimol-a indicando precisamente as datas em que se realisaram, em casa de Mr. Asquith, o jantar com assistencia de Suas Magestades—26 de janeiro—e o almoço a que El-Rei o Senhor D. Manuel tambem deu a honra da sua presença, na quarta-feira 2 do corrente mez.

Temos, portanto, que no dia 2 de Fevereiro o Senhor Dom Manuel II almoçou *en tête à tête*, já sem a assisten-

cia de Sua Magestade a Rainha, com o primeiro ministro inglez. Pouco mais de duas semanas tinham passado, entregava o plenipotenciario britannico em Lisboa a seguinte nota ao governo da republica, nota lida no parlamento depois da declaração de guerra e que é sabido teve como consequencia a utilização dos navios allemães e tudo quanto esse acto governativo determinou:

«Tendo resultado sérias difficuldades para o commercio da presente escassez de navios, difficuldades que são sentidas não só na Gran-Bretanha, mas tambem nos paizes que mantem com ella boas relações, e tendo Portugal, desde o inicio das hostilidades, mostrado invariavelmente completa dedicacão pela sua antiga alliada, o ministro de S. M. tem ordem, em nome do governo de S. M., de *instar* com o governo da Republica, em nome da alliança, para que faça requisicão de todos os navios inimigos surtos em portos portuguezes, que serão utilizados para a navegacão commercial portugueza e tambem entre os demais portos que se determinem por accordo dos dois governos.

Legação Britannica.—Lisboa, 17 de fevereiro de 1916».

Sublinhei-lhe de proposito a palavra *instar* para que você conclua que outras notas não conhecidas, verbaes ou escritas, foram presumivelmente communicadas ao Terreiro do Paço, antes de 17 de Fevereiro, pelo ministro de Inglaterra junto do governo de Lisboa. E, se assim aconteceu, nem duas semanas chegaram a mediar entre o almoço régio em casa de Mr. Asquith e as *démarches* da Grã Bretanha para a apropriacão dos navios.

Agora, occorre-me perguntar-lhe:—no que se falaria durante essa refeição diplomatica, offerecida a um soberano deposto por um governante em effectivo serviço, dias antes do gabinete a que este ultimo preside, arrastar a longinqua Patria d'aquelle para uma guerra universal de vida ou de morte? Falar-se-hia apenas nos casos do tempo e na penuria das colheitas, na moderna arte futurista, na proxima corrida de cavallos? Ou então Mr. Asquith, recordando as origens da alliança anglo-lusa e lembrando-se de que estava em presença de um régio descendente de D. Philippa de Lencastre, cujo casamento com Dom João I veio cimentar os pactos dinasticos do reinado anterior, teria querido ouvir o Rei de Portugal sobre um acto que ia influir decisivamente nos destinos do seu paiz? Sendo assim, que poderia responder Sua Magestade o Senhor Dom Manuel II, representante de tres longas dynastias de soberanos affectos á Inglaterra, a essa mesma Inglaterra que pessoalmente os tem rodeado das maiores considerações e provas de estima, sabendo além de tudo perfeitmente que a unica forma de bem servir hoje a Patria portugueza, consiste em valorisar-lhe o já tão abalado prestigio guerreiro por novos serviços aos seus alliados tradicionais, aos historicos protectores da sua Raça e do seu Throno? São interrogações a que o meu amigo, pensando um pouco, poderá facilmente responder. A' nota do governo inglez que atraz deixo transcripta, seguiu-se, como é sabido, a declaração de guerra; o governo Affonso Costa demittiu-se no dia 12 de Março e começaram logo os trabalhos de gestação do novo gabinete. Foi n'esta altura que surgiu o telegramma de El-Rei aos monarchicos e cuja data de expedición—15 de Março—não deveria nunca ser esquecida pelas pessoas de boa fé e de boa vontade. Já não havia ministerio Affonso Costa e

ainda não se achava definitivamente organizado o gabinete actual. Portanto, quando Sua Magestade ordenava que offerecessemos os nossos serviços ao governo portuguez (oh, a terrível phrase que tanto o encheu de indignação!) não podia Elle referir-se ao gabinete A ou ao gabinete B, queria apenas indicar os eventuaes dirigentes do Paiz, aquella abstratas entidades governativas que officialmente representam lá fóra, n'uma continuidade diplomatica ininterrupta, o Estado Portuguez. De proposito não quiz falar em republica. Esta, convençamo-nos bem, não passa d'um facto accidental, sem maior importancia na vida historica da Patria e eu acho até, meu amigo, que todos os bons monarchicos deveriam na presente conjunctura esquecer-se de que ella existe. El-Rei desprendeuse do criterio individualista de considerar pessoas, para se preocupar tão sómente com o criterio organico de apreciar no seu conjuncto, factos reaes e situações positivas. Se a gente que hoje governa em Portugal é republicana, não ha maneira de servir a Patria sem prestar serviços aos republicanos que a governam. Para que havemos de lembrarnos então do Norton de Ambaca, do Silva de Rodam, do Affonso de tudo o mais? Deixemos á justiça do tempo o julgamento das suas culpas e dos seus crimes. Foi isto que pretendeu o Senhor Dom Manuel II; não devemos nós outros pretender mais.

Prova-se, portanto, com argumentos de ordem cronologica, impossiveis de refutar, que El-Rei ao expedir um telegramma a 15 de Março não conhecia o chamado ministerio nacional que só a 17 se apresentou á sancção do congresso democratico. Mas, se El-Rei não conhecia o ministerio que se estava elaborando, tudo me leva a crer que não o esperava tal como na realidade se constituiu. Leia você a seguinte informação que a 20 de Março *O Dia* publicava:

Noticias fidedignas que tivemos esta tarde de Londres habilitam-nos a confirmar o que dissémos aqui sobre os convites que Mr. Asquith fez recentemente a El-Rei o Senhor D. Manuel e á Rainha Augusta Victoria e que Suas Magestades se dignaram aceitar. Posteriormente El-Rei tem conferenciado por vezes com Mr. Asquith e com *sir Ed. Grey*, assegurando-lhes a sua mais estreita identificação com a secular alliança ingleza e a manutenção das tradicionaes sympathias de Portugal pela Grã-Bretanha.

Dizem tambem estas nossas informações de Londres que em todas essas *démarches* tem tido uma intervenção muito directa e efficaz e tambem muito patriótica o sr. *marquez de Soveral*.

Suas Magestades Britannicas tem sido sollicitas em renovar, n'esta conjunctura, á Familia Real exilada as provas mais inequivocas e captivantes d'uma alta e carinhosa estima, o que muito folgamos de registar.

A que conferencias posteriores quererá referir-se esta local? Entre outras, a uma com certeza que se deve ter realisado nos dias 12 ou 13 de Março no palacio real de Fulwell-Park e a que assistiram, além dos politicos acima mencionados, cujos nomes ao transcrevel-os propositadamente sublinhei, o Senhor Marquez de Villalobar, antigo ministro de Sua Magestade Catholica em Lisboa e actual embaixador junto do governo belga do mesmo augusto soberano.

D'essa historica reunião em que se discutiram e compuzeram os futuros destinos de Portugal dizem as minhas informações que resultaram duas *démarches* simultaneas (*démarches*

22:7
116

ches a que allude tambem a local transcripta) e que deveriam ter a maxima importancia na constituição do embrionario gabinete portuguez.

Uma d'ellas, a mais notavel, foi ao que parece levada a cabo pelo Foreign-Office junto do governo da republica para que se organisasse com republicanos e monarchicos um verdadeiro ministerio nacional, em tudo digno d'esse nome e á roda do qual se agrupassem todas as crenças politicas e opiniões religiosas que retalham a sociedade portugueza. Dizem-me até que entre alguns nomes de realistas insinuados pelos governantes inglezes, como sendo agradável á Inglaterra que figurassem no ministerio, avultava o d'uma grande individualidade politica, hoje completamente apagada e a que o Marquez de Soveral valdo da côrte ingleza se acha ainda ligado por fortes laços de solidarismo partidario e sobretudo de estima pessoal. Não se espante você com o imprevisão da novidade, que de resto nem chega a ser nova como poderá verificar pelas transcrições que se seguem.

Conta O Dia de 27 de Março :

A Lucta diz hoje que alguém, a quem dá credito, a informou de que de Lisboa foi solicitado o sr. João Franco, que estava na sua casa da Beira Baixa, a regressar á politica, ao que s. ex.^a teria respondido que a ella já mais voltaria. A Lucta apparenta não saber d'onde partiu essa instancia, que muito bem conhecemos nos seus pormenores curiosos. Embora não quizesse ou não pudesse pôr o nome do requerente, a Lucta podia dizer como na adivinha popular : «alto está, alto mora, todos o vêem, ninguém o adora».

Então, é um sino?!

Pois será um sino... a tocar a rebate, depois de ter—ha tanto tempo já!—tocado a finados!

Refere-se esta noticia á sensacional informação de A Lucta, publicada na mesma data :

Pessoa digna de credito, que não cultiva as invenções politicas e não pertence ao numero dos simples só com um cantinho garantido no reino dos ceus, disse-nos hontem que o sr. João Franco, respondendo a uma solicitação que de Lisboa lhe fôra feita, tivera occasião de declarar mais uma vez que não queria voltar a tratar de politica.

Ignoramos qual fosse a origem da solicitação, qual a sua natureza, quaes os seus intuitos e qual a fôrma da proposta, suggerida ou sondada, sobre a volta do sr. João Franco á actividade politica.

Parece-nos digno de registo este boato, que mais não seja para que, pela sua publicidade, se apure se tem ou não qualquer fundamento.

Fixe o meu amigo a expressão proposta suggerida (ainda fui eu que a sublinhei) e diga-me depois á boa paz, se não concorda comigo inteiramente.

A outra démarche de que acima já falámos, consta das conhecidas instrucções telegraphicas do Senhor Dom Manuel II aos seus subditos para que estes, convidados a collaborar n'um governo nacional, não fossem sob qualquer pretexto recusar-se, o que representaria para El-Rei a quebra solemne de um compromisso, a falta de observancia d'um pacto solememente tomado.

Essa dupla gestão diplomatica não logrou alcançar os seus desejaveis resultados praticos. Respondeu o governo da republica que o novo gabinete fôra já presente ás camaras e não cabia n'elle, portanto, nenhuma fundamental modificação! Iam ser creados ministros sem pasta e sub-secretarios de Estado, sendo então convidadas outras individualidades monarchicas para auxiliarem o ministerio. Até hoje. A attitude d'El-Rei nem por isso deixou de accordar no Reino Unido a mais lisongeira das impressões. Pode ver-se n'O Dia de 24 de Março um significativo comunicado do Times, como todos sabem, órgão officioso do governo britannico :

O Times publica sob esta epigraphe o co-

nhecido telegramma de Sua Magestade El-Rei e Senhor D. Manuel e acompanha-o com estes muito significativos commentarios :

«O patriotismo e amizade pela Grã-Bretanha e pelos Alliados, que determinaram o Rei Manuel a dar estas instrucções aos seus amigos, serão profundamente apreciadas aqui.

A sua attitude é a que deveria esperar-se d'um representante d'uma Casa Real unida á da Grã-Bretanha pelos mais estreitos laços de amizade.

As suas instrucções mostram que todos os seus actos pessoais e partidarios são subordinados ao patriotismo e não de dar um valioso reforço ao governo nacional de Portugal, durante a guerra».

Ligue você esta série evidente de factos com a repentina mudança de attitude á nosso respeito por parte do plenipotenciario britannico em Lisboa, que ainda ha poucos dias offereceu um jantar no seu palacio ao Senhor Duque de Palmella, com a assistencia d'alguns fidalgos portuguezes e a absoluta exclusão de elementos republicanos, e negue se fôr capaz de negar, que os fundos monarchicos teem subido mais em Inglaterra nas ultimas cinco semanas do que baixaram (e Deus sabe se baixaram) nos ultimos cinco annos. Até já se fala n'uma embaixada maçonica a Londres do Grande Oriente Luzitano para attenuar d'algum modo as altas vantagens obtidas nos circulos officiaes inglezes pela diplomacia do Rei de Portugal. Alcançaria Sua Magestade da Inglaterra promessas positivas a favor da causa realista que tão superiormente simbolisa e representa? Ou terá apenas podido obter que o governo britannico se desinteresse da questão de regimen ao ser posto o problema portuguez na proxima conferencia da paz?

Seja como fôr, lembremo-nos hoje e sempre de que o Senhor Don Manuel II nunca se esquece de nós, nunca se esquecendo do Principio Monarchico que durante sete seculos de Historia fez a grandeza d'esta Terra e d'este Povo.

Permitta Deus que todos os seus subditos comprehendam hoje o sacrificio que em nome da Patria lhe é imposto. Calem-se na guerra agravos e resentimentos gerados na paz, discipline-se politicamente a consciencia da Nação e saiba ella, cumprindo as ordens d'El-Rei, cumprir o seu dever. Está o meu pobre amigo convencido d'estas verdades?

Espero que sim e com isso me lisongeio. Para a semana quero falar-lhe da guerra. Você é um germanophilo intransigente, eu, todos o sabem, defensor convicto dos alliados. Tentarei mostrar-lhe que não se pode ser, a um tempo, bom allemão e bom portuguez e sobretudo que germanophilismo e liberalismo, são termos, hoje mais do que nunca, absolutamente incompativeis.

ALBERTO MONSARAZ
CONDE DE MONSARAZ

Aos nossos assignantes

Já começámos a enviar para as estações do correio os recibos d'assignaturas correspondentes a um semestre. Rogamos aos nossos presaros assignantes a especial fineza de os pagarem logo que elles lhes sejam aprenatados. Assim nos evitarão grandes prejuizos.

Para elucidação dos nossos assignantes reproduzimos aqui, mais uma vez, a nota que publicámos no numero 19 d'A Ideia Nacional e que é do theor seguinte :

Quando A IDEIA NACIONAL se viu forçada, pelo exilio do seu Director, a interromper a sua publicação, muitos dos nossos amigos tinham já pago o primeiro trimestre da sua assignatura, não chegando todavia a receber os 24 numeros a que tinham direito. A'quelles dos nossos leitores que desejem ser indemnizados do prejuizo soffrido, pedimos o favor de o participarem ao Sr. Victor Falcão, Secretario Geral da IDEIA NACIONAL, Rua da Emenda, 45 r/c—LISBOA, afim de lhes ser enviada gratuitamente esta Revista durante 6 numeros, a que teem direito.

A POLITICA

POR

JOÃO DO AMARAL

I—A Monarchia Portugueza

PEDI ao sr. presidente do ministerio que houvesse por bem definir o seu conceito de União Sagrada, para que a imprevidencia de uns ou o banditismo e o desvario d'outros não allegassem motivos de ignorancia em defeza dos seus desacertos. Tendo noticia de que o sr. presidente do ministerio tomára parte n'uma sessão patriotica realisada em Evora, apressei-me a procurar, na ascorosa gazeta que s. ex.^a fundou, o relato das suas palavras. Esse relato deve ser incompleto. O chronista não pode certamente fixar os trechos em que a doutrina do discurso foi superior á sua mentalidade e transmittiu-nos apenas aquelles em que o sr. Antonio José d'Almeida se mostrou inferior á natureza dos seus deveres para com o paiz. D'este modo, não encontro materia para render ao chefe do governo as homenagens que tão agradável me seria dever-lhe, n'este doloroso momento em que, por amor da Patria e de El-Rei, a nossa benevolencia, a nossa boa-vontade e a nossa mesma intelligencia, devem perdoar e supprir a natural incapacidade do regimen republicano e dos seus principaes servidores.

E' lastimavel que o convivio d'essa heroica provincia alemtejana onde, desde Serpa a Alcaçer, cada pedra e cada leiva rememora os trabalhos dos nossos Reis em prol da fundação e prosperidade da Patria,—é lastimavel que esse ambiente de gloria e de virtude não tenha imposto á sensibilidade revolucionaria do presidente do ministerio o culto das realidades historicas que constituem o patrimonio nacional e que são hoje a melhor e quasi unica razão da nossa existencia. A Monarchia Portugueza commetteu erros, teve defeitos e atravessou crises violentas : esse é o reverso doloroso de todas as obras humanas; as mais perfeitas e proximas de Deus. Mas recordem-se, muito embora, os seus erros, os seus defeitos e as suas crises ; nenhum portuguez tem, no entanto, o direito de esquecer que, apesar de tudo, é ao seu esforço genial, á unidade da sua politica interna e externa, á sua previdencia e ao seu prestigio, que nós devemos tudo quanto possuímos.

II—A herança da Monarchia

Affirmou o sr. presidente do ministerio que o governo actual está expiando os erros da Monarchia. Mem nem elle nem o chronista da sessão se dignaram dizer-nos quaes são esses erros que tanto pesam agora sobre os vergados hombros do governo.

A situação financeira do paiz, á data da implantação da republica, era, na douta opinião d'um ministro republicano, notavelmente desafogada. Seria a monarchia culposa de que, passados seis annos, essa situação financeira se tenha de tal modo aggravado que nem os proprios fautores da nossa ruina ousam tomar sobre si a responsabilidade do mal que nos fizeram?

A constituição monarchica, marcando ao catholicismo um logar de privilegio na vida social portugueza, garantia a unidade moral e religiosa da Nação ; de quem foi a culpa se, ao cabo de seis annos, a paz interior se viu perturbada por divisões confessionaes, sempre prestes a atearem esse fogo de guerra civil que as divisões politicas acende-ram?

Bastante minguada estava, quando a Monarchia cahiu, a nossa força militar e naval ; não ha entretanto nenhum pro-

fissional competente que, após as sabias lições da guerra, hesite em pronunciar-se sobre a superioridade da organização militar que a Monarchia nos legou. A republica substituiu, destruiu essa organização ; de quem foi a culpa?

A ordem publica tinha ainda nos ultimos tempos da Monarchia uma feição de tranquillidade normal ; depois de 5 d'Outubro, já por efeito das perseguições movidas contra a população conservadora já por efeito da legislação democratica, individualista e libertaria, a paz interior não cessou de ser perturbada por grèves e motins, pela lucta das classes e dos partidos. A culpa de quem foi?

Seja qual fôr o aspecto por que se encare esta questão, ninguem de boa-fé poderá negar que seis annos de republica apenas conseguiram fazer mau o que era bom e tornar peor o que era mau. O sr. presidente do ministerio nunca ousaria contestal-o se quizesse ou podesse render-se ao testemunho impessoal dos factos. De resto, nem a elle nem a nenhum dos outros caudilhos republicanos cabe a maior responsabilidade da desastrosa solução que teve o problema nacional. Os males que soffremos são efeitos constantes d'uma causa constante ; não sou eu quem o diz ; é a historia que o demonstra : em Athenas, em Paris ou em Lisboa, os vicios democraticos a que Platão se referiu, produziram sempre a corrupção dos homens e a desorganização das sociedades.

III—Os erros da Monarchia

Além d'este patrimonio d'ordem economica, politica e moral, na verdade bastante mingado e comprometido, a republica herdou da Monarchia todo o capital e todos os juros de uma obra diplomatica cujo alcance prodigioso se revelará logo que seja feita a historia da actual conflagração europeia.

A alliança ingleza, a melhor conquista d'essa obra diplomatica, foi empreza da Monarchia e, especialmente, da dynastia de Bragança. Succederá, por acaso, que o sr. presidente do ministerio, assombrado pelos pavores d'uma guerra a que essa alliança nos conduziu e sentindo renascer dentro de si os odios de ha vinte annos, a ella tenha querido referir-se quando se lastimou de estar expiando, no governo, os erros da Monarchia?

IV—Os verdadeiros erros

Não creio, embora tudo possa esperar-se d'um orador que facilmente se deixa possuir por esse dom da improvisação caracterizado, segundo Taine, pela falta de reflexão quando se pensa e pela falta de exactidão quando se falla.

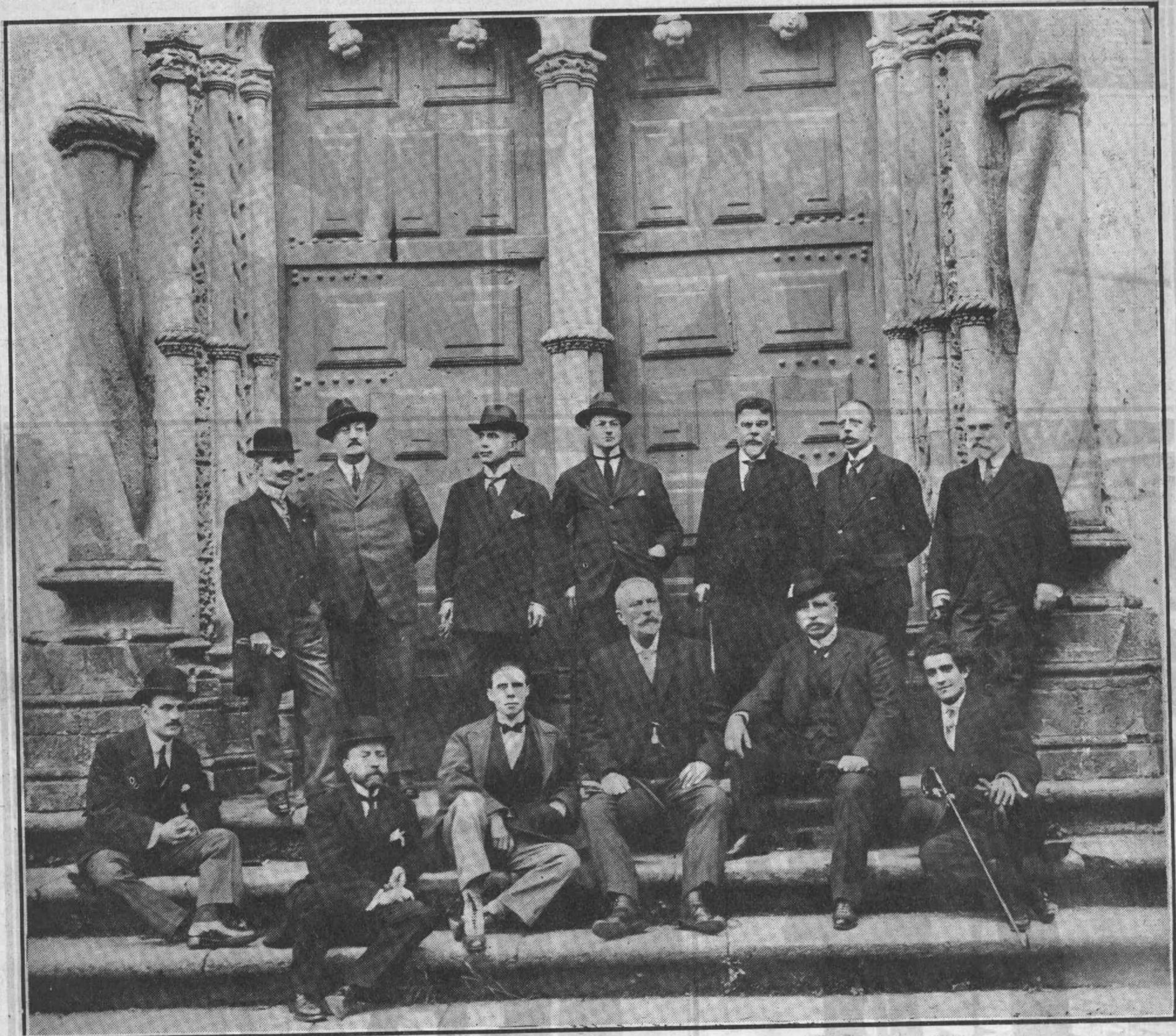
Para mais, estes defeitos de reflexão e de exactidão resaltam fortemente n'outros pontos do seu discurso.

O tropel desbocado das palavras que sahiram dos labios do chefe do governo nada respeitou, nada, nem a verdade dolorosa do presente nem a luminosa verdade do passado. Assim, fallando dos jesuitas, teve estes conceitos singulares :— «o jesuita é o mystificador que ao prestigio da Patria antepõe os interesses da seita e que nas travessias dolorosas das nossas naus, quando o mar parecia querer engulil-as, tragal-as, no convex dos navios entoava misereres em vez de incutir coragem...» Na consciencia d'este governante não ha, como se vê, um recanto de piedade para os jesuitas francezes que hoje fazem á Patria o sacrificio heroico das suas vidas. Não ha sequer, no vazio do seu cerebro, a grata memoria do que Portugal deveu aos missionarios heroicos da sua civilização, da sua fé e do seu prestigio militar. Como pode conduzir os destinos d'um povo, o homem cujas palavras teem este vago sabor de sacrilegio e de mentira?

JOÃO DO AMARAL



FIGURAS E FACTOS—1) *No Chiado*—Duas elegantes. 2) A sr.^a Condessa do Tojal com seus netos. 3) Populares lendo a convocação dos licenciados. 4) O pintor Sousa Pinto com o poeta João Saraiva. 5) Aspecto da greve dos carroceiros. 6) Alumnas do lyceu Maria Pia durante a visita da Sociedade de Estudos Pedagogicos.



Alguns dos convivas do primeiro jantar da 'Ideia Nacional' realizado em Coimbra, em 9 de Maio de 1915

Sentados, da esquerda para a direita: Dr. Antonio Sardinha, Conde de Vinhó, Homem Christo Filho, Conde de Bertandos, Conselheiro José d'Azevedo Castello Branco, Domingos Garcia Pulido.

Em pé, da esquerda para a direita: Capitão João d'Almeida, Conselheiro Ayres de Ornellas, Conselheiro Antonio Cabral, Conde da Ponte, Dr. José Jardim, Dr. Carlos Braga e Dr. Antonio Emilio de Almeida Azevedo.

Na proxima terça-feira, 9 do corrente, ás oito horas da noite, realisa-se no Grande Hotel Central o segundo jantar dos colaboradores d'A Ideia Nacional.

A esse jantar presidirá o sr. Conselheiro Dom Luiz de Castro, Conde de Nova Gôa, e n'elle tomarão parte, além dos colaboradores d'esta Revista, grande numero de personalidades que se interessam pela obra por nós empreendida. As adhesões devem ser dirigidas ao Secretario Geral d'A Ideia Nacional até 7 do corrente.

Nas vespersas d'esta reunião da elite da opinião monarchica vem a proposito lembrar o que foi o nosso primeiro banquete, realizado em 9 de maio do anno passado em Coimbra.

A nossa gravura representa alguns dos colaboradores e amigos d'A Ideia Nacional, photographados momentos antes do banquete no pateo da Universidade.

Presidiu o nosso querido amigo e eminente collaborador sr. Conselheiro Ayres de Ornellas. Na mesa de honra tomaram logar, entre outros, os srs.:

Conde de Bertandos, Conselheiros Ayres

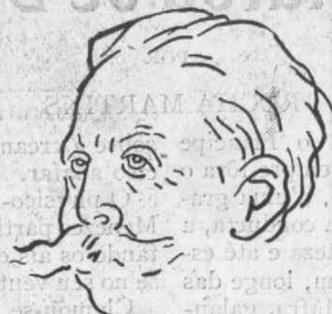
de Ornellas, José de Azevedo Castello Branco, Antonio Cabral, José Jardim, Costa Almemão, Conde e Vinhó e Almedina, João de Almeida, Dr. Antonio Emilio d'Almeida Azevedo, Conde da Ponte, Dr. Carlos Braga, Conde da Aurora, D. José Manuel de Noronha, Dr. Alberto Monsaraz, João do Amaral, Luiz d'Almeida Braga, Dr. Antonio Sardinha, Dr. Pires de Lima da Fonseca, Francisco Ramalho, Caetano da Costa de Macedo, Antonio Monteiro de Proença, Januario Pereira de Macedo, Antonio Mendes Alçada, Fernando Salazar, Americo Garcia, Dr. Alvaro Cabral Loureiro, Luiz Vieira de Castro, Francisco Caracol Soares Victor, Dr. Francisco Pinto Teixeira, Antonio Vieira de Carvalho, Dr. Raphael Baptista Nobre Sobrinho, Dr. Gonçalo Christovam de Meyrelles Teixeira Coelho, José d'Almeida Azevedo, Padre Adriano Moniz, Dr. Carlos d'Almeida Braga, Dr. Sebastião José de Carvalho, Dr. José Antunes Maia, Dr. Antonio Maria Antunes Maia, Mario Correia, Dr. Joaquim d'Almeida Braga, Dr. José Peixoto Ponces de Carvalho, Francisco de Abreu Castello Branco (Fornos), Dr.

Antonio Thomaz d'Abreu Freire de Azevedo Bourbon, João de Abreu (Fornos), Afonso Augusto Duarte, Dr. Antonio d'Antas de Barros, Dr. João Brito e Silva, Dr. Antonio Rodrigues Pinto, etc., etc.

Na meza foram recebidos telegrammas de solidariedade dos srs. Conselheiros Luiz de Magalhães, D. Luiz de Castro e José Lobo, Rocha Martins, Jorge de Mendonça, Victor Falcão, Dr. Valle Guimarães, Jaymie Duarte Silva, Moreira d'Almeida, Filinto de Moraes, dr. Alfredo Pimenta, Conde e Visconde do Ameal, Pedro de Sande Maria Ayres de Campos Vieira da Motta (Ameal), J. M. d'Oliveira Mattos, Carlos d'Almeida, Manuel Dias Pimentel Junior, dr. Adolpho Guimarães, Adrião de Moura Forjaz de Gusmão, Joaquim Correia Coimbra Leitão, José Miranda, dr. José Maria de Gões Mendanha Raposo, Antonio de Asis Teixeira C. de Magalhães e Menezes (Felgueiras), Antonio d'Oliveira Salazar, dr. Fortunato de Almeida, João Francisco Cavaco, Antonio dos Reis, José de Sainte-Marie de Moraes, dr. Carlos de Sacaura Botto Pinto de Mascarenhas, Godinho de Mattos, dr. Gonçal-

ves Guimarães, D. Miguel Osorio Cabral de Alarcão, Visconde de Fijó, dr. Mario de Aguiar, B. Tinoco, dr. Sampayo Maia, A. Rainha, José Antonio Dias Pereira, Francisco Augusto Martins de Carvalho, Padre Antonio Luiz de Oliveira, Pedro de Mascarenhas de Lemos, Padre João Augusto Antunes, Capellão Mõço Fialgo da Casa Real, dr. Bernardo de Madureira, Francisco Barreto de Sousa Alvim Caldeira Castel-Branco, Emilio Faro, Padre Antonio Antunes, Capellão Naval, Antonio Barata de Tomar Pereira Coutinho, dr. Mario Ramos, Antonio Augusto de Mattos Mascarenhas de Mancellos, José Augusto Gaspar de Mattos, dr. Luiz Maria da Silva Ramos, Nuno de Mouar Teixeira, José Telles, dr. Antonio Homem de Mello, Conde de Agueda, dr. Manuel Gonçalves Cerejeira, José Maria de Abreu Freire, José Freire de Novaes, dr. Alberto Pinheiro Torres, Alberto Ribeiro Dias da Costa, etc., etc.

Estamos certos de que o segundo jantar da Ideia Nacional decorrerá com o mesmo caloroso entusiasmo e revestirá o mesmo brilhantismo.



Futurismo

Do sr. Guilherme Santa Rita, mais conhecido por Santa Rita Pintor, recebemos a seguinte carta, que publicamos por dever de lealdade e pela consideração pessoal que nos merece o seu auctor:

Lisboa, 29 de abril de 1916.

Meu presado Homem Christo:

V. é uma creatura apreciabilissima. E' um negocio arrumado: não se falla mais n'isso... Mas... com trezentos mil milhões de macacos!... Francamente!...

Que intempetiva local aquella sua sobre o futurismo! Que intempetiva, extemporanea, e tudo o mais que v. quizer! Que desgraças hypotheticas são essas que v. prevê para o futuro da nacionalidade, e de que aquelles a que v. chama futuristas seriam os causadores? Porque v. — na ancia de collocar em alguém as culpas de erros que v. sabe de sobra de quem são — determinou chamar futuristas a todas as cousas más que ha por cá, desde a desorganisação das repartições publicas até á anarchia da vida nacional. Isso que sentido tem? Para que servem as palavras senão para definir ideias? Que deploravel exemplo de anarchia mental não dá v. com a sua infeliz nota!

V. tem a obrigação de saber o que é o futurismo. V. tem a obrigação de saber que futurista declarado, em Portugal, ha só um, que sou eu. A sua phrase «futuristas conscientes e inconscientes» é uma reserva sem habilitação. O futurismo não admite inconscientes. V. tem a obrigação de o saber, porque tem a obrigação de saber o que é o futurismo. E, se não sabe o que elle é, para que emprega o termo? Triste exemplo o seu de anarchia mental, repito-lhe.

Bem bastam as difficuldades que a chamada critica portugueza cria ao desenvolvimento de qualquer grande ideia artistica. Bem bastam essas. Que lamentavel é vel-o de braço dado com toda essa imprensa com que v., n'outros pontos, não se associa de bom grado!

V. conhece-me bem, sabe qual tem sido a minha vida de trabalho artistico, de esforço constante e consciente. E v. sabe que esse trabalho tem sido todo, de ha annos para cá, a dentro do futurismo. Não acha v. que um esforço honesto e probó merecia mais consideração da parte de alguém que, por se intitular defensor do bom senso, devia impôr-se a sufficiente disciplina mental para pesar bem as suas palavras, medir bem os seus effeitos, e avaliar bem o alvo em que iam bater?

V. foi amigo do Marinetti em Paris. Leu os seus livros nos exemplares que elle proprio lhe offereceu. Foi commigo—recorde-me perfeitamente—ouvil-o algumas vezes no seu esforço heroico de propaganda, ás conferencias que elle realisava na casa Bernheim Jeune. Conhece portanto, por a lord por a ouvir, o caracter absolutamente nacionalista da sua doutrina, o seu caracter absolutamente anti-anarchico. Não comprehendendo portanto como v. ponde justapor as palavras «futurismo» e «anarchia». Essa aproximação não é verdadeira, e o sr. sabe muito bem que não é verdadeira. Então faça o que é o seu dever. Diga ao publico do seu jornal o que é de justiça dizer-lhe para elle e para mim. E fica a cousa arrumada, e não se falla mais n'isso...

O seu amigo Pintor para o servir

Santa Rita Pintor

N'esta carta ha ousadias de linguagem a que se não deveria ter deixado arrastar o joven futurista e que, se se tratasse de qualquer outra pessoa, castigariamos duramente. Mas o sr. Santa Rita Pintor tem-nos dado muitas provas de consideração, foi das primeiras pessoas que nos visitaram na esquadra da Boa Vista quando ali estivemos preso e não seria justo que o seu arrebatamento de hoje nos fizesse esquecer a sua gentileza de sempre.

Enganou-se de resto redondamente o sr. pintor Santa Rita se julgou, como parece,

que pensavamos n'elle quando escrevemos o pequeno artigo que provocou a carta nervosa que, acima deixamos publicada. Nunca vimos os trabalhos do sr. Santa Rita Pintor e ignoravamos absolutamente que o sr. pintor Santa Rita fosse futurista.

Dissemos e repetimos que o futurismo é uma nova forma da anarchia espiritual em que se debatia a Europa antes da guerra. Os leitores d'A Ideia Nacional comprehendem-nos muito bem porque temos recebido dezenas de cartas de applauso. Não temos a pretensão de querer convencer o sr. Santa Rita Pintor e enquanto o moço artista se limitar a expôr os seus quadros nas paredes do seu quarto e a fazer propaganda entre meia dúzia de maduros cavaqueadores do Martinho, pouco ou nada nos preocupam as suas bizarras excentricidades.

E por hoje basta de futurismo. Estou a magar-me e a magar os leitores. Estimarei não ser obrigado a discutir novamente este assumpto com o sr. Santa Rita para não ter que o melindrar. E procurarei esquecer que é pintor, visto que, merecendo-me consideração a sua pessoa, como futurista só me pode inspirar desprezo a sua pintura.

H. C. F.

Casos da semana

DOCTOR DE SOLA E VIRA

O sr. dr. Camara Saldanha respondeu no seu jornal á nota publicada no nosso ultimo numero á seu respeito, com um artiguelho falto de grammatica, no qual procurava incompatibilisar A Ideia Nacional com a opinião catholica portugueza, como já fizera anteriormente com os nossos presados collegas A Nação e O Dia.

O, distincto clinico, especialista de vias urinarias, recebeu immediatamente a carta seguinte:

Sr. director d'A Ordem—Acabo de ler o artigo que diz respeito á Ideia Nacional publicado esta manhã na Ordem e assignado por V. Ex.^a e não lhe esconderei a minha surpresa por ver a malevola intenção com que V. Ex.^a procura incompatibilisar os catholicos com a Revista que eu dirijo. Não sei o que inspira a sua attitude que me não parece a mais correcta nem a mais leal: não quero comprehender para não ter de qualificar.

A Ideia Nacional conta entre os seus colaboradores effectivos algumas das figuras mais representativas da opinião catholica portugueza; a Ideia Nacional desde que começou a publicar-se, em março de 1915, até hoje, e quer na primeira, quer na segunda phase da sua existencia, não tem cessado de defender com o mais ardente enthusiasmo a verdade catholica e os direitos e interesses da Igreja; a Ideia Nacional tanto no numero de quinta-feira santa como no numero de hontem publicava artigos que não podiam deixar a menor duvida no espirito de ninguém sobre as suas intenções e a sua sinceridade.

V. Ex.^a podia gostar ou não gostar da pagina artistica publicada pela Ideia Nacional. As preferencias e os gostos de V. Ex.^a interessam-me pouco e pouco interessam tambem com certeza a opinião publica d'este paiz que talvez conheça as suas aptidões clinicas mas desconhece inteiramente as suas faculdades de critico de arte e nem sequer pode comprehender ainda como é que V. Ex.^a appareceu d'um dia para o outro transformado em jornalista e director d'A Ordem.

V. Ex.^a podia pois gostar ou não gostar da pagina d'A Ideia Nacional. Mas o que não podia nem devia era pronunciar a palavra blasphemica tratando-se d'uma publicação catholica que eu dirijo. Foi isso que me magoou e n'isso consiste a sua principal incorrecção embora V. Ex.^a pareça não ter dado por ella, certamente porque estando acostumado á apparente insensibilidade com que os seus clientes suportam as torturas que lhes inflige, julgou que eu suportaria com a mesma paciente insensibilidade as suas impertinencias.

A malevola intenção de V. Ex.^a a que acima me refiro resalta mais nitidamente ainda do seu arrasado de hoje. V. Ex.^a não

tem grammatica, mas tem veneno, e em tanta quantidade que conseguiu envenenar em menos de dois mezes e meio as relações de estreita solidariedade e sympathia que ligavam os monarchicos aos catholicos portuguezes.

V. Ex.^a é novo na politica e no jornalismo; surgiu d'um alcapão de magica, pouco antes do Carnaval, a provocar toda a gente, a menosprezar toda a gente, como é velho costume dos mascarados n'essa quadra do anno; as outras mascaras desapareceram antes de quarta-feira de Cinzas. V. Ex.^a continuou a ser director d'A Ordem sem se lembrar que tinha terminado a sua missão e que é imprudente continuar depois do Carnaval a commetter proezas que só no Carnaval se toleram. D'ahi o metter-se a provocar e censurar com pedantismo insupportavel o nosso velho collega A Nação que devia impôr mais respeito á sua inexperiente mocidade, o nosso illustre companheiro de luta que dirige O Dia a quem todos devemos serviços assignalados, e, finalmente, A Ideia Nacional que commetteu o grande e horrivel crime de publicar um desenho que irritou os seus nervos sensiveis de estheta improvisado.

Se os meus collegas tiveram a paciencia de o aturar, faça-me V. Ex.^a o favor de acreditar que eu não estou na mesma benevola disposição. Nem lhe accetto lições nem lhe tolero reprimendas porque lhe não reconheço antiguidade nem cathogoria para desempenhar o difficil mister de censor.

Está V. Ex.^a muito bem a clinicar vias e não hesitarei em recomendar a todos os meus amigos que se utilizem dos seus serviços; mas nem elles, nem eu, toleraremos que V. Ex.^a continue a querer passar-nos diplomas de bons catholicos e envenenar as nossas intenções.

Por acaso, vejo que no numero de hoje do seu jornal em que é atacada a Ideia Nacional o seu appello urgente «Catholicos, ajudade A Ordem» ficou sem resposta. E' o castigo da audacia com que V. Ex.^a os aconselha a desajudar os seus collegas.

Agradecendo-lhe a publicação d'esta carta no seu proximo numero; e no local onde foi inserto o artigo que me diz respeito, como mandam as praxes jornalisticas e a propria lei, sou de V. Ex.^a, etc.

Lisboa, 28 de abril de 1916.

HOMEM CRISTO FILHO.

O sr. Camossa recebeu, leu e enguliu gostosamente mas não publicou a carta. Ahi fica castigada como merecia a impertinente audacia do moço e venenoso confrade, que não sendo capaz de encontrar leitores para o seu jornal emprega o melhor da sua clinica actividade lançando o descredito sobre os seus collegas. Esperamos que o rebarbativo doutor nos não obrigará a voltar ao assumpto.

MARIO SÁ CARNEIRO

Suicidou-se em Paris, sobre a collina bohémia de Montmartre, o escriptor-poeta Mario de Sá Carneiro. O nosso pensamento evoca, n'um momento religioso, a extranha figura d'este moço, a par de quem vivemos muito tempo, n'essa camaradagem de aspirações e sonhos que une as almas e os temperamentos mais oppostos, desde que uma hora se tenham sentido irmanados pela mesma ancia de novo e rebeldia. Essa hora prima da vida, julgamol-a nós quasi sempre a ante-camara da gloria; afinal, se para uns é a aurora da realidade, para outros, como Sá Carneiro, é apenas o luminoso peristilo da Morte.

Não podemos ou não queremos apreciar o que vale a pequenina obra do suicida. Na sua arte vivia-se uma vida sensorial que nós reputamos morbida e defeituosa; o seu espirito era antipoda do nosso e sempre, em nome das eternas leis da belleza e da disciplina, condemnámos a sua esthética bizarra. Estamos mesmo dolorosamente persuadidos de que a obra de Mario de Sá Carneiro não poderá sobreviver ao logico fecho que o suicidio pôz na anarchia espiritual da sua vida; temos porém de confessar que este suicidio lhe deu, perante os que d'elle duvidaram, um tragico accento de sinceridade.

A nossa piedosa sympathia segue a sua alma para além da vida; por isso, desejamos ardentemente que Deus lhe tenha concedido, antes que o seu espirito mergulhasse para sempre no mysterio, uns poucos segundos de lucidez, bastantes para que elle murmurasse, em contrita desculpa, aquelles versiculos de Job: — «Senhor! a minha alma tomou tédio á minha vida...»

1.º DE MAIO

Festejemos nós tambem o dia em que dos sub-sólos da miséria e da injustiça sobe até ao ceu um de profundis de revolta e de esperança. Não os ouvem, talvez, aquelles que uma luta de interesses pessoais e partidarios traz de todo absorvidos. Mas nós, partidarios de uma Monarchia dentro da qual o syndicalismo operario tem uma função organica a desempenhar, não podemos deixar de escutál-os. Passarão annos e annos, antes que a verdade monarchica redquirira, entre os proletarios e os simples, o seu magnifico e antigo prestigio. Entretanto, para que se veja que essa verdade já seduziu a intuição d'alguns espiritos, recordemos as palavras proferidas pelo velho Bebel, em resposta a Jaurès, no congresso socialista de Amsterdam:

—«De certo modo, eu devo ser o advogado da Monarchia contra os senhores. Em França, quando uma greve rebenta, manda-se contra os operarios a infantaria, a cavallaria e a artilharia. Entre nós, não. Porque? Porque a Monarchia, em face da luta das classes, não pôde comprometter-se com uma d'ellas; tem de contar com todas, isto é, com o povo. Uma republica é, de certo modo, o governo da classe burgueza...»

Estas palavras do allemão Bebel foram corroboradas por Guesde, ministro do actual gabinete francez. Mas, mais lucidamente do que ambos, fala o syndicalista Sorrel quando diz: —«La démocratie est le pays de cocagne des financiers sans scrupules. Os operarios portuguezes poderiam, melhor do que ninguém, fazer brilhantes depoimentos, em favor d'esta these...»

Prata da casa

ALFREDO PIMENTA

O nosso querido amigo é eminente collaborador sr. Alfredo Pimenta está sendo objecto d'uma campanha violentissima por parte do orgão evolucionista.

Não intervimos na questão porque o sr. Alfredo Pimenta sabe muito bem defender-se e não precisa portanto para isso do nosso concurso.

Mas desde que Alfredo Pimenta é nosso intimo amigo e collabora effectivamente na Ideia Nacional, não podemos deixar de lhe affirmar aqui publicamente e claramente a nossa decidida e incondicional solidariedade. Em qualquer campo onde tenha de se defender dos ataques de que está sendo alvo, Alfredo Pimenta conta absolutamente connosco.

Temos pelo seu talento e pelo seu caracter a mais viva admiração. As injurias que lhe dirigem os seus adversarios não o diminuem a nossos olhos, antes o levantam e nobilitam.

A Ideia Nacional, em peso, está a seu lado.

CHRONICAS MILITARES

A Ideia Nacional obteve do sr. Mendes Amaral, tenente de artilharia, que se encarregasse de dar aos seus leitores, não sómente a apreciação da marcha de guerra, como tambem uma collaboração effectiva sobre assumptos respeitantes á nossa defeza e organização militar. Essa collaboração, escusado seria dizel-o, tem uma feição estriictamente technica, representando para nós um favor tanto maior quanto é certo que são bem diversas das nossas, segundo cremos, as opiniões politicas do illustre official.

Da competencia com que o nosso collaborador tratará estes assumptos são garantia sufficiente a reputação de saber e talento do que gosa entre os seus camaradas, o logar de primasia que occupou sempre no seu curso brilhantissimo e os estudos notaveis que tem publicado por vezes na Revista de Artilharia.

Uma bastarda de D. João VI

POR

ROCHA MARTINS

SUA Alteza Real o Príncipe D. João nem sempre fôra o homem sisudo, d'uma grave e ponderada conducta, a occultar esperteza e até espirito. Também, longe das vistas dos seus frades de Mafra, galanteava e amava.

Foi entre as ruas de murta e loureiro dos jardins de Queluz que sentiu o coração bater-lhe, pela primeira e talvez ultima vez, nos arroubos do amor.

A neta do marquez de Marialva, D. Eugenia José de Menezes, fôra quem enleára essa alma moça de príncipe nas suas graças senhoris ao apparecer ao serviço da princeza D. Carlota Joaquina esposa de D. João.

Toda gentilisa e formusura com o seu vestido d'arminhos, enchendo de rosas dos canteiros reaes o decote do vestido a engalanar o puro seio, sentia nos olhos do príncipe o ardor de quem seria capaz de murchar essas flores apanhadas n'um devaneio de donzella.

Não era bello o filho de D. Maria I mas trazia em si o prestigio da realza e soubera falar com a sinceridade de quem ama, queixando-se da sua vida árida, da sua existencia que desabrochava agora para a paixão. D. Eugenia de Menezes, com essa ternura irreflectida do primeiro amor, não soubera fugir aos galanteios.

Os bosques de Queluz viram-nos trocar os seus beijos á luz do luar, satyras e tritões sorriram a seus amores defezos, ás suas escapadas felizes por entre os laranjeas; e as aguas ouviram as suas confissões e as figuras da Fama com as trombetas resoantes não as foram repetir.

Tinham comsigo a cumplicidade dos bosques de myrtho, das sereias, dos bancos recolhidos nos seus caramanchões e até a dos melros que só ao alvorecer cantavam a dizer-lhes para se recolherem.

Foi um segredo aquelle amor do príncipe e da açafata até ao dia em que ella, de lagrimas nos olhos, ruborisada, tremula, disse ao seu real amante que sentia o castigo d'esse amor culpado no ser que lhe estremecia nas entranhas.

D. João ficou aterrado. Não pensou em procurar na sua ascendencia d'amorosos, paes de bastardas e de príncipes legitimados, o exemplo a seguir.

Sentiu um pávido receio ante a furia da princeza, titubeou á idéa da côrte escandalisada, dos seus frades de Mafra a darem-lhe penitencias.

Procurou maneira de salvar a amante e de abafar o escandalo que seria um motivo de gaudio no reinado de D. João V.

Soccorrer-se d'um amigo para o salvar e talvez que os mesmos bosques onde tinha soltado os seus gemidos d'amor fôsem as testemunhas da confidencia e do pedido.

O doutor João Francisco d'Oliveira Alvares, medico do Paço, physico-mór, um letrado e um sabio, olhou o príncipe como a esperar que lhe pedisse os serviços da sua profissão mas apenas ouviu solicitar-lhe para fugir com a sua amante, recolhela n'um convento, guardar a infeliz das desventuras e proteger a creança que nascesse do seu amor.

— O quê?!... Aos quarenta e um annos! Com a sua fama de sabio?!... Casado, já com um filho de quatorze annos e outro nascido n'aquelle mesmo mez em que elle pedia o sacrificio?!... Era condemnar-se!...

Mas o Príncipe supplicava, fallando dá sua amizade, da vigilancia a exercer

sobre a creança, do drama que era preciso abafar.

O physico-mór cedeu. D. Eugenia de Menezes partiu de Queluz com elle, abafando os ais e sentindo o filho a mover-se no seu ventre.

Clamou-se contra o sabio; foi condemnado á forca. Elle deixára uma carta á mulher na qual lhe declarava:

«Nada te digo porque tudo sabes».

Com effeito a esposa estava tambem na confidencia; ouviu a sentença que a deshonorava e aos filhos e partiu para Londres onde o marido se recolhera.

N'um convento de pobres monjas em Tavira naeceu a filha do regente do reino. Ali expiava a neta do marquez de Marialva as suas culpas e as do real amante.

Chegaram os francezes; andaram em guerra sete annos na peninsula e já-mais D. Eugenia de Menezes puzera o pé na rua nem deixára de receber a pensão opulenta que D. João lhe enviava do Rio de Janeiro.

A filhinha era o encanto das freiras e apesar de nascida entre grades não deixára de ser alegre; crescera, educára-se, tinha a graça e a gentilisa da mãe e chamava-se tambem Eugenia.

Assim brincando nos claustros, correndo na cêrca, resando com as monjas, sendo um idolo, chegou aos onze annos a bastarda real.

Tinham acabado as guerras; o Alentejo estava livre do inimigo e então ambas passaram para o convento de S. Bernardo em Portalegre.

Mais quatro annos viveu ainda a mulher que fôra banida, exautorada de todos os seus titulos, por ter amado um príncipe de sangue.

A filha ficou só entre os muros da cella com a formusura da sua idade, toda a melancholizar-se á idéa do mysterio do seu nascimento, embaraçada n'aquelle convivio das que chegavam com os nomes limpos e decidida a não tomar o véu.

Por este tempo o doutor Oliveira largára de Londres para o Rio de Janeiro.

Desde que Portugal estava tranquillo desejava morrer sob o seu sol d'oiro. Havia dezasete annos que não via a sua linda ilha da Madeira onde nascera, a terra portugueza onde medrara. A sentença impedia-o de voltar não fôsse encontrar o laço da corda do carrasco.

D. João VI recebeu nos braços o amigo que o salvára e ao qual puzera a coberto da miseria com a doacção da quinta e fazenda importante no Funchal, ao exilal-o; encaregou-o de tratar negocios do Estado em Londres e de não deixar de velar pela filha do seu amor, agora desamparada desde que a mãe morrera.

Mas chegára a revolução de 1820. O Rei desembarcára em Lisboa; o medico, tornado commendador de Christo e deputado, tambem pertencia ao Real Conselho.

Chamára para si a filha do soberano, enchia-a de presentes e de caricias, gozava, emfim, ao cabo do exilio e da condemnação.

Seu filho mais velho João Gualberto d'Oliveira achegou-se um dia á sua beira a dizer-lhe que amava a orphã.

Não havia, decididamente, socego para aquelle sabio.

Se o deixasse casar com a filha de D. Eugenia de Menezes voltariam as atoardas, seria descoberto o mysterio em que se envolvera aquelle nascimento.

Poderia explicar agora essa bastardia

real, exactamente n'um periodo de liberalismo e de livre imprensa?!

Seria revelar a falta do príncipe, narrar os seus amores de Queluz, toda a historia da freira e provocar dissensões na familia real.

O filho continuava a fallar-lhe do seu amor, a dizer-lhe quanto o prendera a formusura da menina tão querida pelos seus, a sollicitar que os deixasse casar. Sentia a felicidade n'esse consorcio.

Novamente o Rei impôz o final do sacrificio ao physico-mór.

Continuasse a ser para o mundo o pae d'essa menina malfadada e para que não houvesse mais duvidas nem as desconfianças assaltassem os espiritos, legitimasse-a, tirando assim a seu filho a idéa de tal união.

Com o coração despedaçado aprendeu aquelle segredo e começou a vêr, como uma irmã querida, a mulher amada como noiva. E morreu solteiro, depois de ser nomeado conde do Tojal, preso n'essa recordação.

Ella, porém, casou e como se o destino quizesse ligar o seu sangue real a outro da mesma origem soberana foi seu marido Guilherme Smith, filho bastardo do Rei d'Inglaterra.

Os descendentes do medico são os viscondes de Tojal mas a fortuna do amigo de D. João VI, a filha do Rei a herdou, visto sobreviver aos irmãos, que como se vê, não eram do seu sangue, ainda n'um singular capricho do acaso que fez ir parar essa herança avultada ás mãos de quem menos fizera para a possuir: os filhos do primeiro matrimonio de Smith: Astly Campenell, major inglez e casado com uma filha de Sartorius, o almirante que pelejára por um filho do Rei D. João VI contra outro, deixando, todavia, D. Pedro, desde que não havia mais dinheiro para a sua ganancia de britannico.

ROCHA MARTINS.

A IDEIA NACIONAL

OS SEUS ESCRIPTORIOS EM PARIS

Todos os assumptos relativos a publicidade estrangeira da Ideia Nacional devem ser tratados com a nossa agencia commercial em Paris L'Information Universelle—101—Rue Saint Lazare.

Os nossos escriptorios, salão de leitura onde se encontram todos os jornaes portuguezes e estrangeiros, gabinete de informações, etc., estão á disposição dos leitores d'A Ideia Nacional na Rua Vivienne, 47—Paris.

A GRANDE GUERRA

Situação militar

CONTINUAM sem alterações sensiveis todas as frentes de batalha da guerra europeia. No entanto, com segurança e fé nos permittimos affirmar aos nossos leitores que para muito breve se preparam grandes acontecimentos.

O inicio de uma grande offensiva geral por parte dos alliados em todas as frentes, como resposta ao esforço allemão sobre Verdun, é para nós um facto assente. Não nos repugna admittir que a tensão de relações entre os Estados-Unidos e a Allemanha será opportunamente aproveitada, como um recurso de largo alcance moral, para esse movimento gigantesco, sobre cujo resultado muito ha a esperar não sómente pelo esforço material dos alliados como tambem pela depressão moral causada en-

tre os allemães com o mallogro de Verdun e a perspectiva da entrada na lucta de mais um poderoso adversario. A chegada de contingentes russos á frente franceza não é, como a muita gente parece, um simples *coup d'effet*, mas sim uma prova indirecta de que na verdade os alliados vão agir com decisão. Tanto assim é que já vagamente se annunciam numerosos transportes de tropas allemãs para as linhas da frente occidental. Tem sido sempre nossa opinião que o desfecho do conflicto resultará d'uma acção combinada nos dois unicos theatros da guerra que podem merecer esse nome: a frente russa e a frente franceza. Tudo o mais são operações secundarias por natureza: os combates na frente italiana, na Mesopotamia, no Caucaso, etc. E assim como em nada influiu para a marcha geral dos acontecimentos a tomada de Erzeroume Trebizonda, assim nenhuma importancia tem que o general Townshend haja capitulado com os seus 8.000 homens em Kut-el-Amara.

Não quer isto dizer, porém, que a offensiva se não generalise a toda a Europa e o seu inicio dependerá apenas por momentos da suffocação da revolta na Irlanda.

A monotonia que tem caracterizado as operações navaes da grande guerra, foi nos ultimos dias quebrada levemente com um audacioso *raid* de uma esquadra allemã junto das costas inlezas, bombardeando Lowestoff e, pela segunda vez, Hartlepool.

A surpresa e á rapidez com que operaram deveram os navios germanicos não correr a mesma sorte que os seus camaradas na batalha naval de Heligoland do anno passado.

Perguntará o leitor porque não tentam os inglezes incursões semelhantes contra as costas allemãs. Na verdade a offensiva tem sempre as vantagens do imprevisto e assim os allemães teem conseguido de algum modo perturbar a tranquillidade dos habitantes das costas inglezas do mar do Norte.

Mas a costa allemã entre a fronteira hollandeza e a foz do Elba dispõe da magnifica condição natural de defeza que é a pequena profundidade do mar até muitos kilometros da terra firme.

E a previdencia dos allemães levou-os a accumular ahi os mais poderosos engenhos de defeza de que actualmente se pode lançar mão: numerosos rosarios de minas fluctuantes, baterias de torpedos, poderosissimos canhões de costa. Wilhelmshaven sobreo Weser e Cuxhaven na foz do Elba são na verdade dois dos mais formidaveis portos fortificados do mundo, um e outro admiravelmente servidos pela sentinella vigilante de Heligoland.

Mas, como alguém disse de Jerusalem, a ingrata, d'elles não ficará pedra sobre pedra.

M. AMARAL

Tenente de Artilharia

A IDEIA NACIONAL

PREÇOS

DE ASSIGNATURA

EM HESPANHA

E

PORTUGAL

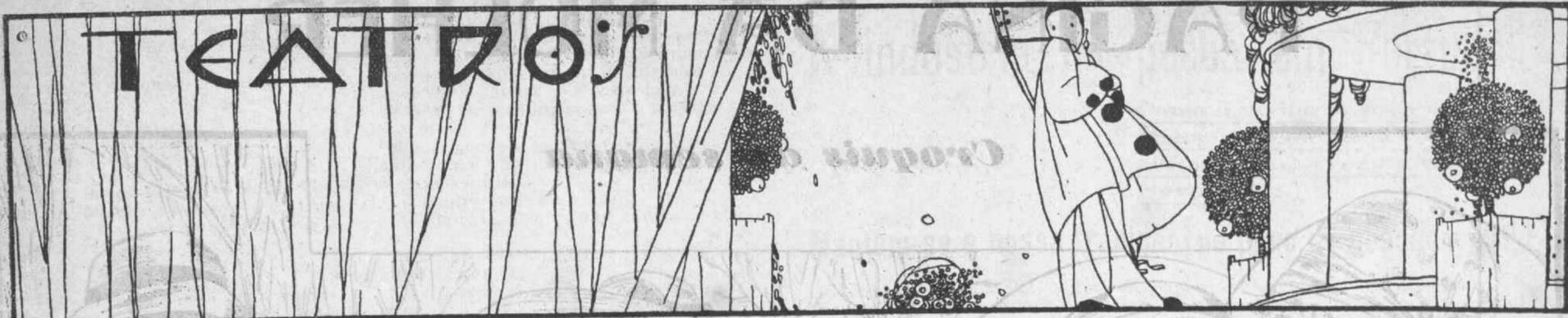
ANNO 2\$600

SEMESTRE 1\$300

RESTANTES

PAIZES

O DOBRO



AVANTE!

(Excerpto de um drama historico... em preparação)

POR

ANTONIO CARNEIRO

ULTIMAS SCENAS DO PRIMEIRO ACTO

Uma praça publica na Roma antiga. Os 3 chefes reunidos, deliberam

SCENA XV

1.º CHEFE
Ha que fazer-se a guerra.

3.º CHEFE
Eu penso no emtanto...

1.º CHEFE
Não ha razões a oppôr.

3.º CHEFE
Não haverá. Portanto...

1.º CHEFE
Urge partir.

3.º CHEFE
Comtudo...

1.º CHEFE
Mas é...

3.º CHEFE
Que urge marchar.

3.º CHEFE
Vamos devagarinho.

2.º CHEFE (com emphase)
Juro dos meus maiores sobre as sagradas loisas...

1.º CHEFE (para o 2.º chefe)
Não percamos o tempo, em tão inuteis coisas!

(para o 3.º chefe)

3.º CHEFE
Reflectiu?

3.º CHEFE
Reflecti.

1.º CHEFE
E então que diz?

3.º CHEFE
Cá m'acho!

Mas a guerra, senhores! a guerra... é o diacho!
Digo-o, porque o valor não ha quem m'o discuta.
De ha uns tempos p'ra cá, passo a vida na Lucta,
E não dou a ninguem, direito a duvidar
Da palavra que dou. Senhores, sou militar!

2.º CHEFE (com mais emphase ainda)
Quando os raios do sol, nas togas inconsuteis...

1.º CHEFE (para o 2.º chefe)
Não percamos o tempo em coisas tão inuteis.

(para o 3.º chefe)

3.º CHEFE
Em sua opinião?...

3.º CHEFE
Nós não devemos ir.

1.º CHEFE
Eu entendo, porém, que devemos partir.
E acho curioso, e acho singular,
Que pense como vós, um bravo militar.

3.º CHEFE
Mas esta opinião, olhae! não é só minha...

(Começa a sentir-se ao longe, e vem-se approximando, o barulho confuso de rufos de tambor, toques de clarim, gritos e fusilaria.)

1.º CHEFE
Que confuso rumor...

2.º CHEFE (que tem ido espreitar, exclama aterrado)
O povo se avisinha.

SCENA XVI

UM HOMEM DO POVO

Os Romanos, senhores, que, n'uma intrepidez,
Por vós teem vertido o sangue tanta vez,
Exigem que um dos tres lhes queira dar a gloria,
D'ir, d'espada na mão, leval-os á Victoria.
Qual de vós, senhores meus, nos quer acompanhar?
Qual dos tres é quem vem?

1.º CHEFE (apontando n'um grande gesto o 3.º chefe)
Esse, que é militar!

2.º CHEFE
Momento grandioso! Invejo a tua ida!...

3.º CHEFE
Isto é o que se chama:—uma boa partida!

(Sae succumbido, entre o povo que o aclama enthusiasticamente.)

SCENA XVII

1.º E 2.º CHEFES

2.º CHEFE (n'um enthusiasmo)
Ah! não puder eu ir, n'uma coragem louca,
No dorso d'um corcel...

1.º CHEFE (enfasiado)
O' homem, calle a bocca!

O PANNO CAE

O julgamento do 31

POR

DOM JOSÉ PAULO DA CAMARA

(No tribunal. Enquanto espera, o publico conversa e ri. Gente de theatro. Uma corista janota de saia pela cintura e botas até ao nariz, sorri para o representante do ministerio publico.)

Entra o sr. juiz, abre a sessão, manda proceder ás formalidades do estylo. O réu espera que o interroguem).

JUIZ—Levante-se o réu. (O réu levanta-se) Como se chama?

O REU—Saiba V. Ex.ª que me chamam o «31».

JUIZ—Que idade tem?

O «31»—Trezentos e tantos dias.

JUIZ—Onde mora?

O «31»—Mudei-me ha pouco tempo para o Theatro Eden.

JUIZ—Profissão?

O «31»—Revista do anno.

JUIZ—Sabe de que é accusado?

O «31»—De suscitar os odios dos invejosos contra mim.

JUIZ—Não, senhor. E' accusado de reincidencia na tentativa de assassinato contra a Ex.ª Senhora D. Arte, dama virtuosa e honesta que ha já muito tempo vive sósnha, retirada de todo e qualquer convívio social.

O «31»—Senhor juiz, eu nem sequer conheço, ao menos de vista, a Senhora D. Arte.

JUIZ—Isso sei eu! Mas tal facto não o livra de suspeitas.

Sabemos mesmo quem são os seus cúmplices: são o Publico, o Réclame, os Maillots, o Fado e, principalmente, os auctores dos seus dias que não hesitaram em incital-o a commetter tão infame attentado.

O «31»—Sr. Juiz, foi sem querer!

JUIZ—Fal-o-hei beneficiar d'essa e de outras attenuantes. (Para o escrivão) Mande entrar as testemunhas de accusação.

O ESCRIVÃO—Não ha, senhor juiz.

JUIZ—Não ha!? Então o réu quasi que confessa o crime, toda a gente o aponta como auctor do nefando crime, e não ha testemunhas de accusação?

O ESCRIVÃO—Havia, havia! Mas o Réclame comprou-as todas.

JUIZ—Bem, mande lá entrar então as de defeza.

(«Theatro Avenida» entra e senta-se)

JUIZ—Conhece o réu?

THEATRO AVENIDA—De vista. Mas posso affirmar, apesar d'isso, que elle é digno da mais illimitada benevolencia. Tentou matar? Talvez. Mas tentou matar essa tal Senhora D. Arte, que não passa de uma marafona de infima especie que paga com patadas as caricias recebidas.

JUIZ—Hom'essa!

THEATRO AVENIDA—E' como canto, sr. Juiz. Que eu não fallo por mim! Graças a Deus e á senhora Adelina Abranches, na minha casa todos nos damos bem com a Arte. As peças do repertorio obedecem todas ás maiores exigencias da Arte. No desempenho ninguem lhe falta ao respeito que é devido a uma senhora educada e illustre.

E o grande talento da grande Adelina, a graça, a intelligencia e a mocidade da linda Aura, a elegancia e correção do Mario Duarte, a vivacidade do endiabrado Alfredo Abranches, o meticuloso e cuidado estudo que o Sacramento dedica aos seus papeis, permite-lhes que todos elles andem tu cá tu lá com a Arte, sem lhe causarem o menor dissabor ou contrariedade. E no emtanto... (suspira).

JUIZ—Bem sei. Não vae lá ninguem!

THEATRO AVENIDA—(indignado)—Ora essa! Casas á cunha todas as noites e com o que ha de melhor na alta. Mas... mas... dá muito trabalho. E' preciso bom repertorio como eu tenho, esplendida companhia como me orgulho de possuir, scenario luxuoso, cuidada ensenação, ensaios sobre en-

saio, etc., etc. Dá muito trabalho! Ai... e se eu tivesse uma revistinha! Com quatro coristas de pernas gordas e um compêre de pernas magras eram duzentas noites seguidas de enchenes consecutivas. Pouco trabalho e muito dinheiro!

JUIZ—Isso é ideal de vadio! Apetecia-lhe então tambem dar a sua facadita na D. Arte?

THEATRO AVENIDA—Por agora não, que estou contente com ella. O senhor Juiz já lá foi a casa assistir ao P'ra Viver Feliz?

JUIZ—Já não vou a theatros.

THEATRO AVENIDA—Pois vá a este. Vá ver... p'ra viver feliz.

JUIZ (hesitando)—Homem... eu... theatros... mas se é a Adelina... e a pequena... eu... até logo á noite. E marque-me um bom lugar, ouviu? Não me deixe isso para a ultima hora!

(Entra o theatro que fica situado na rua Antonio Maria Cardoso e a que chamaremos o ex-D. Amelia)

THEATRO EX-D. AMELIA—Eu, por mim, absolvio o «31», embora pessoalmente não tenha razões de queixa da D. Arte. Com o meu Poema d'Amor, que é todo blandicias para com ella, peço meças a quantos andam por esses palcos de revista a anavalhar a desditosa e complicada senhora.

Mas, ó sr. Juiz, olhe que faz pena ver que dois fadunchos, uma apothose e tres graças eguaes a todas as outras elevam o primeiro escrevinhador de anedoctas conhecidas ás culminancias de um laureado auctor!

Eu gosto da Arte pela Arte e ella hoje, pelo menos, reconhece o meu desinteresse. Mas olhe que tenho tido occasiões bem amargas e bem proprias para desanimos! Ah! Essa senhora provoca bem os attentados que contra ella se commettem! Provoca-os e galar-doa-os com a gloria! Cebo!

JUIZ—Faça entrar todas as testemunhas e que cada uma diga em poucas palavras o que tem para dizer.

THEATRO DA TRINDADE—Eu sou suspeito, sr. Juiz, porque tenho lá em caso O Dia de Juizo, o qual, embora não seja parente do «31», usa o mesmo titulo. No emtanto direi que, para triumphar n'esta terra, de duas uma: ou se assassina a Arte, como fez o «31», ou se domina, como eu fiz. Absolva-se o réu!

GYMNASIO—Absolva-se o réu. Que me importa que elle assassine a Arte, se eu me encarrego de a resuscitar com os milagres de que são capazes o talento, a intelligencia e os conhecimentos dos meus amos e senhores Mendonça de Carvalho e Maria Mattos?

A MUSICA—Sem mim o réu não seria gente. E o seu crime seria muito maior!

O DESEMPENHO—Sou amigo do réu. Fiz, faço e farei tudo para o salvar. Sou modesto, não tenho grandes recursos, mas quem dá o que pode... Vou recomendar ao Carlos Leal que não apalache tanto o papel, ao Gomes que alegre mais o seu, ás raparigas que se conservem frescas e alegres como até aqui... Farei o que puder. Sou amigo do réu!

O GUARDA-ROUPA E O SCENARIO—Nem todos são cúmplices no crime do assassinato da Senhora D. Arte. Aconselhamos o réu a não o praticar e á nossa intervenção se deve o elle ter sido menos perverso.

O MAU GOSTO—Eu, o maior influente d'este paiz, gosto do «31», visito-o todas as noites e exijo a sua absolvição.

JUIZ—Não ponhas mais na carta! Em vista do exposto, está o «31» absolvido para sempre, comtando que não torne a vir cá ver-me que eu prometto... pagar-lhe na mesma moeda.

PEPE

TODA A CORRESPONDENCIA QUE DIGA RESPEITO A QUALQUER DAS SECCOES D'ESTA REVISTA DEVE SER DIRIGIDA AO SR. VICTOR FALCÃO — SECRETARIO GERAL DA «IDEIA NACIONAL».

PAGINA DA MULHER

Croquis da semana



COQUETISMOS INFANTIS

CRONICA

As pequenitas aos tres annos já são coquettes : fazem caretas defronte do espelho, e quando se trata de provar um chapéu, ou um vestido novo, sujeitam-se a tudo que lhes queiram fazer. As mães, por certo, não deixarão de se inquietar com esse gosto precoce pelo luxo, com uma vaidade tão prematura despertando nas suas filhas. Semelhante alarme não se justifica, porque a educação, o exemplo de uma mãe moderada e inteligentemente coquette, estabelecerão o equilibrio n'esses espiritos infantis, deixando ao gosto pela toilette o espaço justo que deve occupar.

Se as nossas filhas tiverem tendencias para o coquetismo, não devemos, na ideia de as corrigir, vestil-as sem gosto, e de qualquer maneira ; este castigo, de resto, seria talvez ainda mais penoso para quem o applicava do que para quem o recebia.

O que devemos é desenvolver desde a mais tenra idade nas creanças o gosto pela simplicidade, que falta, infelizmente, a muitas mulheres!... Para vestir uma creança é essa simplicidade indispensavel, e que ridiculas não são as pequenas vestidas como mulhersinhas, pobres petizas que ficam com o ar de quem vae para uma boda ou assistir a qualquer distribuição de premios!

Nada mais facil, porém, do que, com a moda actual, conservar um aspecto simples : acabaram-se os cabellos encanudados e o receio de os desfrizar ; desapareceram os longos cabellos soltos, que immobilizavam a cabeça e davam necessariamente o ar contrafeito. Dos tres aos doze annos as pequenas usam todas o mesmo penteado *Jeanne d'Arc*, o cabello cortado rente ao pescoço, sem ser frizado, apenas com as pontas levemente mettidas para dentro. Para conseguir este resultado não se torna necessario nem fita, nem *barrete*, nem ganchos.

Os rapazinhos usam o mesmo penteado, porém, bastante mais cedo, ahi por volta dos tres annos, corta-se-lhes o cabello, e vestem-se como homemsinhos.

Os chapéus das meninas são, a maior parte das vezes, em forma de cloche não muito grande, e bem encaixados na cabeça.

Dois modelos que figuram n'esta pagina dar-vos-hão uma ideia do que são na generalidade. O primeiro, é em *tussor* com lavrados, guarnecido de fitas azul-velho, e uma rosa. O segundo é uma forma em *lisère* «tête de nègre» como fundo em taffetá do mesmo tom. Uma fita e taffetá passando atravez de uma fivella de nacre, dá-lhe um cunho de extrema simplicidade.

Os dois outros croquis representam dois vestidinhos de fazenda de lã, igualmente muito modernos. O primeiro, inteiriço em gabardine côr de areia, com mangas curtas, tem um *empicement* em forma de bôlero. Uma grande capeline, em palha da mesma côr, muito flexivel, guarnecida com uma fita côr de cereja completa o vestido. Este genero de chapéus, posto que muito domaveis, estão longe de ser frageis, e protegem muito bem as pelles delicadas contra os ardores do sol.

O segundo figurino é um *tailleur* muito gracioso, a saia em fazenda de lã, branco e encarnado, com pregas formando pannos, que lhe dão bastante largura nas ancas ; o casaco em sarja encarnada é guarnecido com uma gola e passadeiras em polimento preto, ou em *toile cirée*.

O grupo collocado mais abaixo representa duas pequenas em toilettes ligeiras : a primeira em linho azul claro, muito pratica para as creanças que teem um crescimento rapido, ou ainda para aproveitamento de algum vestido do anno anterior.

A segunda em *tussor* côr de rosa, é presa nos punhos, na gola e algibeiras por franzidos «colmeia» feitos com seda azul forte.

E para concluir fallarei ainda em um vestidinho de tulle branco, guarnecido de fitinhas com *picots*, e de minuscultas rosas rococo. A capinha do modelo é um *homespun* azul torquesa. A capeline da mesma coisa.

GRIZELIDIS

O RONCEIRO

CONTO

E' tal e qual como eu aquelle comboio ronceiro da Beira Baixa : nunca tem pressa de chegar a Lisboa.

Tun-tun... tun, tun-tun... tun!

Quando anda, dir-se-hia que vae sempre disposto a parar ; e quando pára, parece que nunca mais anda!

Mas afinal lá parte... *Tun... tun... tun, tun-tun... tun!* Assustam-n'o as cidades e por isso foge d'ellas pelo caminho. Ama os campos, as flores simples, as sombras dos arvoredos, os luars silenciosos!

Quantas vezes se detem—*tun*—sem que se saiba porque foi. O que é?

O que não é? Surge na moldura illuminada das janellas uma ou outra cara airosa a perscrutar as trevas. Silencio. Nada e ninguem. O que é? O que não é? A machina resfolega.

Sabe-se lá porque pára, pela calada da noite, o ronceiro da Baira Baixa. A descansar de uma subida, talvez, ou a crear animo para outra ; a pasmar com seus oltos de fogo para um precipicio a seus pés, ou a ouvir embavecido a cantiga de um ribeiro.

Quem sabe? Fita talvez, supersticioso, os phantasmas brancos de nevoeiro que do Tejo fogem para a outra margem, em estremeções de frio. Ou é comboio correio dos homens e das coisas. Sabe-se lá! Traz recados dos montes para os montes, das arvores para as arvores, dos milharaes para as vinhas. Pode ser, pode, que lá que as plantas e as collinas se chegam mais para a linha, quando elle passa, e ficam a miral-o de longe, como que para ouvir tudo o que elle diz, isso é uma grande verdade!

Mas lá vae outra vez, *tun-tun... tun, tun-tun... tun*, pachorrento, molle, preguiçoso, como que com penna de ir acordar as trinchieras adormecidas, as herdades muito calmas, as pontes socegadas.

O freio arrasta-se nas rodas, a travar uma velociadde que não existe. *Tun!* Outra paragem. Agora é uma estação. Pára em todas e demora-se, demora-se, a ver talvez se o esquecem, pobre alma penada, perdida por montes e valles, em busca de repouso.

A's vezes é noite velha. Chega pesado, vagaroso, arrastando a custo a cauda enorme e somnolenta. Ninguem á espera! Um ultimo arranco e queda-se esfalfado, na luz amarellada de duas lanternas agonisantes.

Uma grande paz se estende por sobre os campos. Que tranquillidade! Faz frio, o frio das estações de caminho de ferro. No vão de uma porta, embrulhado n'um cobertor, descança um vulto de homem.

Um sacco de chita, sobre um banco, parece abandonado. Dorme a um canto a carreta inutil dos bagagens.

Tudo em socego. Só de uma das ultimas carruagens, lá muito atraz, chega até ás da frente, o murmuro confuso de uma cantiga ou de uma queixa. Não se percebe bem. E ouve-se uma guitarra!

Sente-se perto o correr fresco de um regato. E nada mais!

De repente, um estralejar de azas quebra a serena mansidão da noite. E' um gallo que presente a madrugada. E logo, no *fourgon* ao pé da machina, ha um rumorejo indistin-

A IDEIA NACIONAL

cto e nervoso. São corações feridos em canastras empilhadas. O gallo presente a femina. E estruge aos quatro ventos um hymno de victoria!

Alarido no *fourgon*. Tudo volta á calma anterior. E a luz mortifica das duas velas torna mais pesada a treva da solidão que as rodeia.

De subito, ouvem-se tres pancadas fortes na porta da estação. Silencio. Outras tres. Novo silencio, mas pequeno. E uma voz estremunhada regouga:

— Raios!... Quem é?

— O comboio.

Ouro compasso de espera. Dois minutos. A porta da estação abre-se e surge um homem embuçado com uma lanterna apagada na mão.

O freio, n'um entrechocar estridente de ferros, alluvia a pressão nas rodas. Alarido no paiz da canja. E ouve-se um suspiro de azas. A dor de um gallo!

O embuçado não diz nada, não faz nada, não dá uma ordem, não esboça um gesto. Caminha, somnambulo, para o lado da machina e tanto basta para que o comboio, como que apavorado, continue o seu fadario.

Tun! um arranque. Pára. Tun! outro arranque. Tun-tun. Uma hesitação e... lá vae!

Mansamente passa as duas velas, passa duas columnas, passa o sacco abandonado e descobre na cancella da estação para a estrada a sombra negra e immovel de um carregador com outra lanterna apagada na mão.

Tun-tun... tun, tun-tun... tun! Adivinha-se no oriente uma nevoa esbranquiçada com leves tons de rosa. Na cumiada de um monte alveja uma casita.

O rio azulua um pouco. Empallidecem as estrellas. E arpepios brancos passam no negrum do ar.

Ha mais frio. Sinto um alquebramento nos braços e nas pernas entorpecidas.

Pela nevoa do vidro distinguo um garoto que nos saudava com o barrete. Uma nuvem muito rosada avança a participar a boa nova. Vae nascer o dia. E eu... vou dormir.

Tun-tun... tun! Vou dormir e vou sonhar.

Tun-tun... tun! Vou sonhar... que nunca mais chego.

Tun-tun... tun, tun-tun... tun!

PEPE

Unica!

O seu genero raro de belleza,
Suggere-me madrigaes á Marivaux
E vejo-a sempre, como uma duquesa
A passear n'um parque de Watteau...

O seu aristocratico perfil
Quer mouches, rouge, cabelleiras brancas...
E vejo-a sempre, altiva e senhoril,
De saia curta de tufadas ancas...

O seu ar futil, sua graça fragil,
Querem decors, brincados, de rocaille...
E julgo vel-a, assim airosa e agil,
A dançar minuetes em Versailles...

E de modo nenhum me surprehende,
O seu mixto de graça e altivez,
Tão natural o acho em quem descende
Do mais fidalgo sangue portuguez.

E que m'importa que ninguem presume,
Qual o mysterio que o meu verso encerra;
Se ella sabe demais, que, sobre a terra,
Não existe Maria mais nenhuma?...

SYLVINO

Anedectas infantis

Toda a tarde a Tareca estivera insupportavel.

A mãe, dada a faltas de ar, soffocava.
— Está quieta, Tareca... Tareca, não me chas ali... Tareca, deixa o teu irmão...
Um inferno!...

Por fim a pequena socegara um pouco...

De mãos atrás das costas puzera-se a passear d'um lado para o outro, tentando assobiar, e procurando no sopro que lhe sahia da boquita encontrar a ideia vaga de uma cantiga que ouvira n'essa manhã á creada.

— Psss... psss...

Os olhitos verde-escuros vagueavam em volta em busca de alguma coisa que os prendesse.

Um momento fixaram-se n'um dos chapus da mãe, posto para cima d'um sophá, depois do regresso das voltas pela baixa, n'essa tarde de calor.

Seduziam-na os laços formidaveis e as pennas altivas d'aquelle *gratte-ciel*, e vinham-lhe tentações de pôr aquillo tudo na sua cabecita loura.

E já um sorriso lhe aflorava aos labios á ideia de se ver ao espelho com o chapu da mãe, quando umas côres vivas brilhando na parede lhe chamaram a attenção.

Que seria aquillo?... Era verde... era amarello... e encarnado... e azul... Que seria aquillo?

Os olhitos vivos procuraram em volta a causa d'aquelle phenomeno singular... D'onde viriam aquellas côres brilhantes?

De subito, sobre a secretaria, percebeu um brilho intenso. Um raio de sol incidindo sobre o tinteiro de crystal inclinava-se através do vidro e sahia pelo outro lado a reflectir-se na parede, decomposto n'aquellas vivas côres.

Olhou a mãe e os seus labios entreabriram-se quasi a formular a pergunta que lhe viera ao espirito:

— Mas outra ideia lhe surgira...

O tinteiro!... Ao pé, uma caneta de marfim!...

Sobre a mesa espalhadas, soltas, varias folhas de papel!...

Uma successão de ideias levou-a a recordar-se do Nico, o primito, que morava longe, n'uma terra distante, tão distante que era preciso mais de duas horas para ir ter com elle.

Veio-lhe o desejo de lhe escrever uma carta.

Sempre de mãos atrás das costas, bamboleando o corpo, foi-se approximando da secretaria.

Com um suspiro de allivio constata que a mãe passara para a casa do lado, onde lhe ouvia a voz, a dar ordens á creada.

Com esforço sobe para a cadeira. Estendido o braco alcança a caneta. Sujando as mãos, salpicando de tinta tudo em volta, molha a penna e, de lingueta de fóra, com muito cuidado, acompanhando com a cabeça os movimentos da mão, começa traçando no papel, laboriosamente, complicados riscos.

Já encheu, já estragou, umas poucas de folhas.

A mãe na casa ao lado, estranha-lhe por fim o silencio, e a quietude, e curiosamente pergunta-lhe de lá:

— Que estás tu a fazer, ó Tareca?...

E a pequenita, conscia da importancia da tarefa a que se entrega, responde-lhe gravemente:

— Estou a escrever uma carta ao primo Nico...

A mãe, de lá, divertida com o tom grave da resposta, observa-lhe risonhamente:

— Ah! patetinha... Julgava que ainda não sabias escrever!...

A Tareca, de chofre, levantou a cabeça e os seus olhos vivos fixaram-se pensativamente na parede.

A justeza da observação impressionara-a. Sim... effectivamente se ella ainda não sabia escrever como podia estar escrevendo uma carta?

Mas logo ao cerebro lhe surgiu o argumento contradictorio, e, encolhendo os hombros, n'um certo desdem pela observação materna, respondeu com importancia:

— Não... Ainda não sei escrever, não... Mas como o Nico tambem ainda não sabe ler... não faz mal...

E com os deditos negros de tinta pegou de novo na penna e voltou a traçar a grandes riscos a carta para o primo.

ANSELMO

A Edade do Amor

RESPOSTA DA CHICA

Sr. Redactor em chefe — Dirijo-me a V. Ex.ª sem o conhecer, por essa mesma razão de me ser desconhecido, e de assim me merecer maior confiança.

Tratando-se de homens, cheguei ao convencimento de que só nos podem e merecem confiança aquelles que ainda não conhecemos. E' por isso que o venho incomodar sobre um assumpto que diz respeito ao seu amigo Anselmo, que demasiado conhece, e que só interessa a João Semana que julgo conhecer. E' por causa da edade do amor. Eu sou a Chica, e eserevo-lhe ás escondidas do meu Alexandre que é muito esquisito. Aquelle maroto do Anselmo apanhou-me de surpresa, tirou-me a resposta á traição, pelas costas—pois como o senhor sabe elle estava no animatographo sentado atrás de mim—e abusou da minha boa fé vindo publical-a no jornal.

Elle que falle por conta propria, pois que sobre o amor tem longa e aturada experiencia. E' dos taes a quem Deus perdoaria porque muito amou. Senhor redactor, elle fez a minha resposta á sua imagem e similhaça. Para elle é que, em questões de amor, uma quadra da vida é uma quadra do anno. Toda a gente sabe que me casei por amor com o meu Alexandre, e que desde que principiei a ser mãe de familia as minhas quadras se limitaram a redondilhas, que sempre concluíram por alexandrinos... Quando foi dos meus dois gemios é que as rimas sahiram emparelhadas. Na minha mocidade namorei muito, é certo, fiz muito verso branco. Não havia cadete que me escapasse. Inspirava-me a farda. Eram o meu ritornello. Mas tudo isso vae longe. Agora vivo n'uma prosa mais chata do que uma conferencia do seu amigo Sardinha.

Com isto não enfado mais. Queira desculpar o incommodo e creia-me, com muita consideração, sua muito grata

CHICA

A industria da pesca em Portugal

Como a vê um medico que se fez negociante de peixe - D'um consultorio da Avenida á Ribeira Nova...

Mantem-se a nossa tradição de povo de pescadores?

Eu conheci o dr. Almeida Reis quando elle, ali n'um 2.º andar da Avenida da Liberdade, dava consultas das 11 ás 5.

Era á esquina da rua das Pretas, por cima d'uma photographia onde ainda ha pouco, em *étalage* modesta, o seu retrato nos olhava de frente, através dos seus olhos de myope.

Almeida Reis era o medico dos pobres. Como elles, enroupava discretamente, e tinha uns modos tão familiares, e usava uma dialectica tão acessivel, que os miseraveis não deixavam nunca de appellar para elle nos seus achaques mais graves. Depois, Almeida Reis raramente receitava; elle tinha uma farmacopeia muito reduzida, só applicavel aos males extremos, e esse pormenor, vulgarisado, se suscitava olhares desconfiados dos pharmaceuticos, grangeava-lhe á larga a estima grata dos enfermos.

A verdade é que Almeida Reis tinha a opinião clinica de que, nos pobres, os males do corpo são sempre males de dinheiro...

Isto era ha dez annos, pouco mais ou menos. Hoje vou encontrar o dr. Almeida Reis, manhã cedo, ali proximo da Ribeira Nova, marcando canastras de peixe que os descarregadores sobesam nos hombros possantes, e fico um pouco indeciso deante do seu ar tranquillo, onde muito difficilmente algum encontraria reminiscencias—do medico...

— E' que eu, agora, já não o sou!—expiça elle com simplicidade, sem perder de vista o movimento do caes. Como vê, negocião... em peixe...

E havia na expressão do meu velho amigo uma quasi imprevisada doçura, e qualquer coisa de amargo que elle tentava esconder n'um sorriso alegre.

Olhei-o longamente, n'uma curiosidade infantil. E, um pouco a medo, perguntei:

— Então, os seus clientes?

Elle esteve um instante calado; olhava o rio, onde pairava, alto, uma neblina doirada. Depois, de lento, a sorrir:

— Chamam-se, agora, fabricantes de conserva! Compro peixe no mercado e vendo-o, conforme posso, ás fabricas com que estou em correspondencia...

E Almeida Reis, afastando-se agora um pouco, toma-me pelo braço e põe-se a caminhar á borda do rio, no lagêdo onde se alinhavam os caixotes de pescado que se destinam á provincia. E diz-me, um pouco a modo de desculpa, como quem procura justificação para um acto censuravel:

— V. comprehende: os meus clientes eram quasi todos gente pobre, que não me deixava tempo para tratar dos ricos... Aquillo, em verdade, deixava pouco, e eu, á força de procurar, conveni-me de que o que havia em mim era a estofa... d'um commerciante... Faltava só escolher o ramo de negocio, e n'isso não perdi muito tempo. Conhecia um fabricante de conservas, fiz a primeira transacção, repeti, arranjei freguezes...

— E... que tal, de lucros?

— Assim, assim... O negocio do peixe não é mau. E' uma cousa que chega para todos. E, melhor seria se o nosso pescador não fosse, como é, agarrado aos processos antigos, que ninguem é capaz de modificar...

Porque não hei-de eu reproduzir o que ouvi n'essa pequena palestra de minutos, onde no emtanto ha muita cousa interessante?

— Ora oiça...

E o dr. Almeida Reis, disse:

— Ninguem ignora que, depois da industria da cortiça, a pesca é a mais importante industria portugueza. Não tenho de memoria numeros, mas lembro-me de que a sua receita annual anda por uns dez mil contos de réis, se não ultrapassar essa quantia. Quer dizer: pescamos para o nosso consumo, e fica-nos ainda muito peixe para exportação. Possuimos uma costa enorme e toda ella enormemente povoada—em contrario do que muita gente julga, nas phases em que o peixe não abunda no mercado. A verdade é que, quando o peixe falla, é simplesmente porque o mar não consente na partida dos barcos.

«Pois bem: apesar de ser já enorme, a receita da pesca poderia decuplicar, se o nosso homem do mar fosse susceptivel de modificar os seus processos. Nós podiamos ser, na Europa, o paiz exportador de peixe por excellencia, desenvolvendo simultaneamente essa outra industria: a conserva, principalmente a conserva da sardinha, que nós preparamos muito bem e o estrangeiro consome em grande quantidade. Infelizmente, n'uma grande extensão da nossa costa

pesca-se hoje pelos mesmos processos rudimentares porque se pescava ha cem annos...

Em toda a costa de Aveiro para cima ha ainda o systema dos barcos que veem até á areia, e ali são tirados a *juntas* de bois! São os chamados *barcos-peças*, porque de facto o pescador, quando lança a rede, faz explodir um apetrecho de dinamite...

«Em Peniche andou-se já um pouco mais do que para o norte; ali usa-se a *traineira*, que é um processo francez antiquado, mas, enfim, de resultados mais praticos. Consiste a *traineira* no systema de attrahir o peixe arremessando-lhe *ova* de bacalhau; essa operação completa-se lançando ao mesmo tempo sobre a agua grandes quantidades de *semea*, para que o peixe não veja a manobra dos pescadores...

«Um caso curioso: durante muitos mezes—e isto deu-se ha apenas dois annos—um homem, chamado Antonio de Andrade, que quiz fugir á rotina, empregou sózinho a *traineira*, a primeira que arribou a Peniche. Os pescadores faziam galhofa d'aquillo, rindo na cara do dono. Elles viam, perfeitamente, que o homem trazia sempre peixe em abundancia. Viam, mas teimavam que a *traineira* não prestava! «—Se os nossos paes e avós não precisavam d'essas cousas para pescar...» E é que não sahiram d'isto... Só passado muito tempo, hoje um, depois outro, como a medo, é que os demais pescadores foram consentindo em seguir o exemplo do inovador... Mas, repito: esse processo, embora de melhores resultados, está muito longe de corresponder á chamada pesca de *cêrco*, que é o systema de Cascaes e d'outros pontos mais para o sul, que por isso mesmo, e não porque sejam mais ricos de especies, são importantes centros piscatorios. Devo dizer, como complemento da informação, que Peniche é o unico ponto da costa portugueza onde se usa a *traineira*.

O dr. Almeida Reis fala de cousas de peixe com a convicção d'um profissional antigo. Tem, evidentemente, a paixão do seu novo officio, porque diz estas cousas com calor, anima-se, illumina-se, a ponto de fazer esquecer n'elle essa outra feição que eu lhe conheci, quando, ao fim d'um dia de consulta, me vinha contar todas as miserias do bairro... E é tambem com sinceridade, e verdadeiramente interessado, que eu pergunto ao dr. Almeida Reis:

— Que fazer, em sua opinião, para que a pesca em Portugal seja o que deve ser?

— Muito pouca cousa, afinal. Em primeiro lugar, decretar a prohibição de todos os processos de pesca que não seja este: o *cêrco*. Feito isto, que é o principal, e tambem o mais difficil, arranjar um methodo novo para os contractos de trabalho...

«Eu explico: o pescador, além do salario, que varia segundo as circumstancias, tem sempre para si uma canastra de peixe, o primeiro que sahe do mar. D'ahi resulta que o pescador, muita vez, em apanhando o peixe que lhe pertence, ou pouco mais, faz-se de volta, sem querer lembrar-se de que quem o contractou tambem vive... O resto está n'isto: a falta de estradas.

«Conheço localidades maritimas onde o peixe apodrece, em rimas, na praia, por não ter quem o queira! E' nos pontos onde não ha via de communicação facil. A população tira para si a porção de que necessita, e o restante, pois que não pôde transportal-o a outros pontos, abandona-o na areia, ou lança-o de novo ao mar. Dar a essas localidades uma ligação com a povoação mais proxima, seria valorisar um abundante pescado que, como vê, se perde...

Pareceu-me que o dr. Almeida Reis tinha dito tudo; uma pergunta minha fê-lo sorrir.

— Somos tradicionalmente um povo de pescadores—disse eu. Mantem-se, acaso, essa tradição?

— Pois não lhe disse eu que o nosso pescador continua agarrado aos processos primitivos? Até n'isso elle vive uma vida toda tradicional... De resto, nos habitos, nos costumes, no character, na linguagem, em tudo enfim que é a vida do pescador, apparece a influencia do passado... O nosso homem do mar é hoje, como ha duzentos annos, corajoso, resignado, doce, rude, amoroso e violento... Confôrme o mar se lhe pinta assim elle canta, chora, ri, pragueja... Possue todas as qualidades primitivas da raça: o heroismo, a honradez, a fé...

Separamo-nos; eu, para as ruas, já saudoso d'ellas, e elle para junto dos seus homens, n'aquelle recinto atarracado de canastras, onde começam a subir uns cheiros fortes de maresia.

INDICAÇÕES UTEIS

"LE CORRESPONDANT"

TERÁ COMO AGENTE EM PORTUGAL "A IDEIA NACIONAL"

Os jornaes portugueses já se tem referido em diversas occasiões a esta notavel publicação que é actualmente a mais importante e a mais auctorizada Revista europeia e que sempre se interessou altamente pelas questões portuguezas, tendo publicado ultimamente um artigo sobre a intervenção de Portugal no conflicto das nações, que provocou em França, na Inglaterra, em Italia e em Hespanha o mais justificado interesse.

LE CORRESPONDANT é collaborado pelos mais celebres escriptores de todo o mundo. O noso Director, sr. Homem Christo Filho, que já ha annos vinha sendo solicitado para collaborar assiduamente no CORRESPONDANT e lá publicara varios artigos em 1912, 1913, 1914 e 1915 mas não pudera ainda aceitar o encargo d'uma collaboração permanente, apesar dos reiterados convites da Direcção por elle não permitirem os seus muitos compromissos litterarios, fechou finalmente contracto com a grande Revista franceza no principio d'este anno. LE CORRESPONDANT tem pois publicado e continuará publicando, nos dias 10 e 25 de cada mez, estudos sobre questões opticas, economicas e litterarias estrangeiras e relativas especialmente a Portugal, Hespanha e paizes de lingua hespanhola ou portugueza, estudos de que é auctor o sr. Homem Christo Filho, embora nem sempre venham assignados.

LE CORRESPONDANT é a unica revista de França e Inglaterra cujo preço de assignatura para o estrangeiro não é augmentado. Assim, ao passo que a REVUE DES DEUX MONDES, por exemplo, custa 62 francos por anno em Portugal, LE CORRESPONDANT custa apenas 35 francos, o mesmo que em Paris, ou seja quasi metade da REVUE DES DEUX MONDES.

Todos os portuguezes que quizerem estar ao corrente do movimento intellectual contemporaneo, conhecer com profundeza as questões de ordem politica, economica, religiosa, social, financeira, diplomatica, que agitam a Europa devem assignar LE CORRESPONDANT.

Para isso basta dirigir um postal ao SECRETARIO GERAL D'A IDEIA NACIONAL, Rua da Emenda, 45, r/c LISBOA, onde se dão todas as informações e se encontra á venda a grande Revista franceza.

LE CORRESPONDANT vende-se tambem na LIVRARIA FERREIRA, Rua Aurea, Lisboa.

L'ECLAIR

GRANDE JORNAL DIARIO DE PARIS
ABSOLUTAMENTE INDEPENDENTE

PUBLICA DIARIAMENTE UM ARTIGO DE HOMEM CHRISTO FILHO, SOBRE QUESTÕES DE POLITICA INTERNACIONAL, QUESTÕES DE ARTE, LITTERATURA E ECONOMIA; SEGUE COM ESPECIAL ATENÇÃO AS QUESTÕES RELATIVAS A PORTUGAL, HESPAÑHA E AOS VINTE E DOIS PAIZES AMERICANOS, DE RAÇA E LINGUA HESPAÑHOLA OU PORTUGUEZA, TENDO PARA ISSO CREADO EM 1914 UMA SECÇÃO DIARIA INTITULADA

America Latina, Hespanha, Portugal

CUJA DIRECÇÃO FOI CONFIADA AO SR. HOMEM CHRISTO, FILHO

AGENCIA EM

LISBOA

NA REDACÇÃO DA

IDEIA NACIONAL

RUA DA EMENDA, 45 R/C

ONDE SE RECEBEM ANNUNCIOS E PARA ONDE DEVEM SER DIRIGIDOS TODOS OS PEDIDOS DE ASSIGNATURAS * * *

L'ECLAIR

BOLOS
CREMES

SÓ FICAM PERFEITOS EMPREGANDO A FARINHA

PASTEIS
PUDINGS

MAIZENA

DURYEA

NATIONAL STARCH COMPANY

NEW YORK U. S. A.

Á VENDA EM TODAS AS BONS MERCERIAS

Herbert Esteves & C.^a

REPARAÇÕES GARANTIDAS EM MAQUINAS DE ESCREVER, DE CALCULAR, CAIXAS REGISTRADORAS, ETC.

MAQUINAS RECONSTRUIDAS DE TODAS SMARCAS

TLF. 2309

CAES DO SODRÉ, 10

A IDEIA NACIONAL

INDICAÇÕES UTEIS

RUY COELHO lecciona Harmonia, Contra ponto, Fuga, Instrumentação, Composição e Piano.

DIRIGIR CORRESPONDENCIA PARA

+ R. DA EMENDA, 45 r/c +

CALENDARIO ARTISTICO

LINDAS AGUARELLAS

Originas de diversos pintores portuguezes * * * * *

UM BRINDE CHIC

A VENDA NA SECÇÃO COMMERCIAL DA

IDEIA NACIONAL

AO PREÇO DE 850 RÉIS (FRANCO DE PORTE)

REIS TORGAL

ADVOGADOS

RUA DA PRATA, 149, 1.º D.º

OBJECTOS D'ARTE ANTIGOS E MODERNOS

MOBILIARIO

PORCELANAS

ESTATUETAS

JOIAS

QUADROS

MIRANDELLA

RUA SERPA PINTO, 6

LISBOA

MAISON PARISIENNE

262, RUA AUREA, 264

LISBONNE

GRANDE SORTIMENTO EM AMENDOAS NACIONAES E EXTRANJEIRAS * * * * *
CARTONAGENS E CORBEILLES * * * * *

DEJEUNERS ET DINERS

TELEPHONE CENTRAL 1477

Telegrammas Iman

Lima Netto, Moura & Comp.^a

CAMBIO PAPEIS DE CREDITO

Rua dos Retrozeiros, 100 a 106

esquina da Rua dos Sapateiros, 1 e 3

Telephone 3844

JULIO MIRANDA

NOVIDADES PARA HOMEM

LISBOA

ROCIO, 16

MAISON BLANCHE

ROUPARIA BRANCA PARA SENHORA

TELEPHONE 735

A EXPOSIÇÃO

DE

ARTE MODERNA

PROMOVIDA PELA

IDEIA NACIONAL

SERÁ INAUGURADA

EM MAIO PROXIMO

